

# **03-11-2011 - Discurso do Presidente da República em exercício, Michel Temer, durante jantar de abertura do Foro Ibero-América - Edição 2011**

**Presidente em exercício fala sobre a proximidade, no Brasil, entre a Constituição formal e a real.**

**Rio de Janeiro-RJ, 03 de novembro de 2011**

Ex-presidente Ricardo Lagos,  
Senhora escritora Nélide Piñon,  
Ex-presidente e amigo Fernando Henrique Cardoso,  
Senhor João Roberto Marinho,  
Senhora Gisela Marinho,  
Senhor Carlos Fuentes,  
Senhora Sílvia Fuentes,  
Senhor Carlos Slim,  
Senhor Gustavo Cisneros,  
Senhora Adriana Cisneros,  
Senhor César Gaviria,  
Senhores e senhoras,

Eu quero, em primeiro lugar, dizer que nesta interinidade eu tive a satisfação de receber o convite. Portanto, a minha presença revela, em primeiro lugar, o interesse do governo brasileiro por reuniões desta natureza. Mas quero também registrar que estou trazendo os cumprimentos da nossa presidenta Dilma Rousseff que, como sabem, está, neste momento, fora do país.

E quero também registrar que há pouquíssimos dias eu estive, prezado João Roberto, em uma reunião da Cúpula Ibero-Americana em Assunção. E lá verifiquei o encontro, digamos, oficial, de países que têm mais ou menos a mesma língua. Sabem os senhores e as senhoras que o fato de a língua ser quase a mesma – o português e o espanhol – isso dá uma aproximação extraordinária entre as pessoas.

E aqui, hoje, eu vejo uma reunião, digamos, não integrada apenas por membros de governos, mas sim ex-governantes que resolveram, no plano particular, no plano privado, também fazer uma associação para fazer prevalecer esta aliança extraordinária de países que, sobre

professarem e terem a mesma língua, de alguma maneira professam as mesmas convicções, têm os mesmos interesses.

E este foro que não é apenas um aspecto, digamos assim, econômico, mas tem aspectos culturais, aspectos educacionais, por isso é integrado por figuras da maior suposição exatamente da ambiência privada, embora, reitero, muitos estiveram também na vida pública e trazem a sua experiência aurida ao longo do tempo, no exercício de funções públicas.

Então, curiosamente, presidente Fernando Henrique, aqui, neste primeiro momento, eu, mal comparando, eu diria quase uma Parceria Público-Privada, porque lá, no sábado, eu participava de uma reunião de membros da oficialidade governamental e, hoje, participo de uma reunião de pessoas que estão na área privada, mas que têm os mesmos objetivos que verifiquei lá, na reunião de Assunção.

Basta verificar o discurso do João Roberto Marinho; a poesia da Nélida Piñon, que soube transmitir, com uma leveza extraordinária, o que é o Brasil para aqueles que, neste momento, não são brasileiros, mas que sentem a nacionalidade brasileira. Se eu acoplar o discurso da Nélida Piñon, o discurso do João Roberto Marinho a esta decoração fantástica, extraordinária, que revela bem o que é o Brasil, eu digo: aqui, nesta recepção, neste encontro, está presente, presidente Lagos, a hospitalidade brasileira. E sobre estar presente a hospitalidade brasileira, está presente o interesse do Brasil em acoplar-se, em conectar-se com os vários países aqui presentes e aqueles que aqui não se acham presentes, mas como disse, têm o mesmo idioma, para que nós possamos caminhar juntos.

Este é um fato importantíssimo, porque não é algo voltado apenas para o poder público, não é apenas o poder público que se interessa por isso, mas é também aqueles que hoje ocupam posições relevantes no empresariado nos vários países, na área intelectual, na área universitária, na área poética, enfim, nos mais variados setores. De modo que para mim é um prazer extraordinário poder participar desta reunião, trazer a saudação do governo brasileiro e dizer, com muita convicção: esta reunião nos aproxima, e sobre nos aproximar, ela nos induz à necessidade de novas reuniões.

Ainda a pouco, conversando com algumas pessoas da área política e da área empresarial aqui na varanda, dizíamos da necessidade de fazer uma reunião de empresários e intelectuais e dos governos. Quer dizer, fazermos, aqui no Brasil, fazermos no México, fazermos em vários pontos, em vários países, encontros desta natureza. Seria muito útil, especialmente no momento em que – peço mais três minutos aos senhores e às senhoras – em que o Brasil conseguiu fazer, naquilo que se chama Estado Democrático de Direito, uma amalgama do liberalismo com o Estado Social de Direito.

Vejam os senhores, nacionais e colegas da América Latina, do México que quem examina a Constituição brasileira, verifica que nós temos preservados lá os direitos mais caros aos indivíduos. Desde os chamados direitos individuais até fatores como a liberdade de informação, a chamada liberdade de imprensa, tão alardeada e muitas vezes, aparentemente, contestada, mas quando há alguma contestação, ela logo esbarra no texto constitucional, que impede qualquer diminuição dessa liberdade extraordinária que é a liberdade de imprensa.

Então, aspectos do liberalismo foram incorporados pela nossa Constituição, mas, ao mesmo tempo, aspectos sociais. Os senhores sabem que, logo no preâmbulo da Constituição, antes de falar-se nos direitos individuais, fala-se exatamente nos direitos sociais.

Mas, curiosamente – e isto não é apenas da Constituição de [19]88, vem desde a Constituição de [19]34, quando, pela primeira vez se elencaram no texto constitucional alguns direitos de natureza social – mas havia uma dissonância, uma desconformidade entre o texto

constitucional, ou seja, a Constituição formal e a Constituição real. Ou seja, aquilo que efetivamente ocorria no Estado brasileiro. Foi assim de [19]34 a [19]37, de [19]37 a [19]45, [19]46 a [19]64, uma descoincidência absoluta entre o texto escrito da Constituição e aquilo que ocorria na vida real do Estado, uma diferença entre a Constituição formal e a Constituição real.

Entretanto, a partir de [19]88 – e está aqui o presidente Fernando Henrique para comprovar que um dos primeiros momentos foi exatamente garantir a estabilidade da moeda, o combate à inflação, e o presidente Fernando Henrique teve papel decisivo, o seu governo, nessa matéria; foram os primeiros passos, dados com muita força, com muito vigor, amparados nos princípios liberais e no princípio do Estado Social de Direito. E, mais adiante, com o presidente Lula, agora com a presidente Dilma, já iniciados em outros tempos o mesmo tratamento, a questão de inserir na classe média aqueles que estavam na mais extrema pobreza.

Portanto, é interessante, hoje nós não temos, meus senhores e minhas senhoras, uma crise nem administrativa, nem política, nem institucional, porque há, curiosamente, uma coincidência entre o que está no texto constitucional, entre a Constituição formal e aquilo que se passa na vida do Estado. Certos preceitos que, no passado, eram tidos como, digamos assim, perfumaria jurídica e política, deixaram de sê-lo, porque, a partir da Constituição de [19]88, os governantes todos cuidaram de fazer coincidir – permito-me a repetição – o que está escrito na Constituição com aquilo que ocorre no Estado.

É exatamente isso que impede a existência de crises; é exatamente isso que faz com que o país se desenvolva. E por isso o Brasil, hoje – e eu verifiquei nessa última reunião – muitos já não chamavam mais o Brasil como um país emergente, mas como um país emergido, um país que já emergiu, um país que já tem a sua posição no cenário internacional.

E é este Brasil que os recebe, naturalmente de braços abertos – estarei exagerando nesta afirmação, porque já o fizeram o João Roberto Marinho e a escritora Nélida Piñon – mas os recebe de braços abertos para dizer: Vamos nos integrar e vamos crescer todos juntos!

Sejam bem-vindos, portanto.

Ouçã a íntegra do [\(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-do-presidente-da-republica-em-exercicio-michel-temer-durante-jantar-de-abertura-do-foro-ibero-america-2013-edicao-2011-rio-de-janeiro-rj-09min\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-do-presidente-da-republica-em-exercicio-michel-temer-durante-jantar-de-abertura-do-foro-ibero-america-2013-edicao-2011-rio-de-janeiro-rj-09min)(09min30s) do Presidente em exercício.

# 08-11-2011 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante lançamento do programa Melhor em Casa e anúncio do SOS Emergências

O programa Melhor em Casa pretende ampliar o atendimento domiciliar no Sistema Único de Saúde (SUS), e o SOS Emergências é a ação estratégica para a qualificação da gestão em grandes hospitais que atendem pelo SUS

Palácio do Planalto, 08 de novembro de 2011

Senhoras e senhores aqui presentes,

Queria cumprimentar os Ministros de Estado, cumprimentando o ministro Alexandre Padilha, da Saúde.

Queria também saudar as senhoras e os senhores governadores, começando pela governadora Roseana Sarney, do Maranhão; governadora Rosalba Ciarlini, do Rio Grande do Norte; cumprimentando também o governador do Distrito Federal, Agnelo Queiroz; governador da Bahia, Jaques Wagner; governador de Goiás, Marconi Perillo; governador do Ceará, Cid Gomes; governador da Paraíba, Ricardo Coutinho; governador do Espírito Santo, José Renato Casagrande; e os vice-governadores Luiz Fernando Pezão, do Rio de Janeiro; e Antônio José de Moraes Souza Filho, do Piauí.

Queria cumprimentar os senhores senadores aqui presentes: senadora Marta Suplicy, senador Humberto Costa, senador João Ribeiro,

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores deputados federais aqui presentes,

Cumprimentar o prefeito Gilberto Kassab, por intermédio de quem, ao cumprimentar o prefeito de São Paulo, saúdo todos os prefeitos de capitais aqui presentes. Prefeito... vou nomear os prefeitos: prefeito Luciano Agra, de João Pessoa; Elmano Férrer, de Teresina; e José Acrísio de Sena, interino de Fortaleza.

Queria cumprimentar a gerente de Atenção Domiciliar do Distrito Federal, a senhora Maria Leopoldina de Castro.

Cumprimentar todos os profissionais de Saúde... do serviço público de Saúde aqui presentes, os cientistas e os profissionais,

Queria cumprimentar, especificamente, os diretores de instituições médico-hospitalares privadas aqui presentes: Luiz Henrique de Almeida Mota, do Hospital do Coração – Hcor; José Antônio de Lima, Hospital Samaritano; Paulo Chapchap, Hospital Sírio-Libanês; Jefferson Fernandes, Hospital Oswaldo Cruz; *João Polanczyk*, Hospital Moinhos de Vento,

Queria cumprimentar também o Hospital Albert Einstein, e agradecer aos hospitais privados de excelência – aqueles que são internacionalmente reconhecidos – pela parceria que estão fazendo conosco para ajudar a apoiar o Sistema Único de Saúde no que se refere aos

grandes hospitais deste país, especialmente a seus pronto-socorros.

Queria cumprimentar os jornalistas, os cinegrafistas e os fotógrafos.

Cumprimentar as senhoras e os senhores presentes aqui neste ato.

Mais do que o lançamento de dois programas importantes, eu acredito que este nosso encontro de hoje serve para que nós firmemos, ou melhor, reafirmemos um pacto de emergência republicana na área da Saúde. Na verdade, uma repactuação e ao mesmo tempo uma repactuação concreta e simbólica. Num setor, que como disse o governador Cid Gomes, é hoje um dos setores mais decisivos, não só do ponto de vista da realidade, mas do ponto de vista da percepção da nossa população, como decisivo para a qualidade de vida da própria população.

Essa parceria, ela está firmada em um modelo que tem uma das filosofias mais avançadas do mundo, o Sistema Único de Saúde, o SUS. Mas que... é um sistema que tem, na verdade, muito, mas muito mesmo que avançar. Nós podemos, nós temos todas as condições e nós temos toda capacidade de avançar.

Sabemos muito bem da gigantesca tarefa que é fazer funcionar, com qualidade e com eficiência, um modelo de dimensão bastante significativa e de grande complexidade, como é o Sistema Único de Saúde. Ele exige, como sistemas desse tipo mundialmente exigem, elevados recursos humanos, financeiros e tecnológicos. Não por acaso, dos países com mais de cem milhões de habitantes, o Brasil é o único do mundo que assumiu o desafio de ter um sistema de saúde universal, público e gratuito e que nós queremos de elevada qualidade. Mas isso, essa exigência de um sistema universal, público, gratuito e, que nós queremos, de elevada qualidade, em lugar de nos intimidar ou de nos dar motivos para justificativas, deve servir para ampliar a consciência da nossa responsabilidade.

Eu repito aqui: são inúmeras as dificuldades para fazer funcionar bem o modelo como o SUS. E elas vão desde vultosos recursos financeiros até a uma determinação, a um compromisso, a uma necessidade de uma gestão, a mais bem organizada do país. Para funcionar... para fazer funcionar bem o SUS, é necessário essa parceria republicana que originou o SUS, e que hoje nós reiteramos no sentido de assegurar que a faremos para melhorar as áreas de emergência e de urgência do país.

Nós devemos ter a coragem e a humildade de admitir que parte dos problemas pode ser resolvida, parte dos problemas, com o que já temos. É óbvio que precisamos mais. Ninguém faz um sistema de Saúde para 100 milhões de pessoas sem recursos financeiros. Mas, com o que já temos, nós podemos fazer mais, e isso depende fortemente de nós. Tenho certeza de que ninguém aqui fugirá a essa responsabilidade. É por isso que temos que reforçar, como eu disse, o nosso pacto.

O SOS Emergências e o Melhor em Casa são, sem dúvida nenhuma, dois importantes instrumentos, duas oportunidades únicas para reforçamos esse nosso pacto em bases concretas. Eles só irão funcionar se nós, governos federal, municipal e estadual, nos dermos as mãos e lutarmos com toda a garra para que eles tragam, de fato, melhorias na área da Saúde. Para que signifiquem também uma nova atitude dos governos, dos profissionais de Saúde e do meio científico em favor de uma Saúde Pública de mais qualidade no Brasil.

Como o ministro Padilha já deixou claro, o SOS Emergências é uma ação integrada de melhoria no atendimento e na gestão do setor mais crítico da Saúde: as emergências dos grandes hospitais do país. Queremos criar um novo padrão de qualidade no atendimento das pessoas que procuram nossas emergências, da recepção aos ambulatórios, dos centros

cirúrgicos aos setores de internamento.

Vamos começar esse esforço por alguns dos hospitais que enfrentam mais dificuldades. Alguns que já as têm encaminhadas, como é o caso do hospital Instituto Dr. José Frota, em Fortaleza. Mas vamos atuar em vários... iniciando em vários pontos do país, e eu queria citar alguns: no Recife, com o Hospital da Restauração; em Salvador, com o Hospital Geral Roberto Santos; em Goiânia, com o Hospital de Urgências de Goiânia; em Brasília, com o Hospital de Base; em Belo Horizonte, com o Hospital João XXIII; em São Paulo, com dois hospitais, Santa Casa e Santa Marcelina; no Rio de Janeiro, com dois hospitais, Miguel Couto e Albert Schweitzer; em Porto Alegre, com o Grupo Hospitalar Conceição.

E vamos progredindo até 2014, quando queremos chegar a 40 hospitais. Daí porque é muito importante que o início se dê pelos hospitais que enfrentem as maiores dificuldades. O Padilha chamou isso de “pegar o touro à unha”. Muito bem chamado, porque nós vamos precisar trabalhar em parcerias com os hospitais privados, os melhores hospitais privados do país, hospitais de padrão internacional.

Nós queremos uma Saúde Pública de alta qualidade para a população brasileira. A mesma qualidade que nós encontramos nos hospitais públicos... privados de referência. Eles vão nos ajudar na melhoria da gestão hospitalar, na qualidade do atendimento e na garantia de um tratamento humano, rápido e efetivo.

Já o Melhor em Casa, é um sistema de tratamento médico domiciliar que será implantado gradativamente em todo o território nacional para atender doentes crônicos, idosos, pacientes em recuperação de cirurgias e pessoas com necessidade de reabilitação motora.

Esses pacientes terão visitas regulares de médicos e enfermeiros em suas próprias casas, como muito bem mostrou o ministro Padilha. Lá, vão receber medicamentos e, se necessário, equipamentos fornecidos gratuitamente pelo governo. Tudo isso, perto do carinho dos seus familiares, com a sensação profunda de segurança que estar em casa dá a cada um de nós. E sem as pressões psicológicas que sempre que a gente está no hospital cada um de nós sente.

O Melhor em Casa e o SOS Emergências são programas importantes e de implantação complexa, que não vão resolver da noite para o dia todos os problemas do atendimento médico, mas que irão contribuir para dar um tratamento mais digno e mais humano aos usuários da rede pública de Saúde.

Como disse, tão importante quanto seus efeitos é a mudança de atitude que eles representam e devem representar. É fundamental, portanto, que signifiquem, de fato, um novo tipo de parceria e divisão de responsabilidade entre os governos federal, estadual e municipal. Um novo tipo de parceria entre hospitais públicos e privados, em busca da gestão e da melhor qualidade de atendimento para o sistema público de Saúde no Brasil.

É por isso e para isso que hoje convidei os senhores para estarem aqui, porque sei que, como eu, todos aqui são pessoas que jamais fogem das suas responsabilidades e sabem enfrentar qualquer tipo de desafio. Da parte do governo federal, isso significa uma lição de humildade e de coragem: humildade para reconhecer que a situação da Saúde Pública no Brasil deve e pode e precisa melhorar; coragem, porque estamos atraindo para nós a responsabilidade de liderar o processo, de continuar a grande luta dos brasileiros a favor de uma Saúde Pública de qualidade.

Esse esforço vem sendo feito ao longo de muitos anos por muitos brasileiros e brasileiras valorosos. Muito já foi feito, mas é preciso fazer muito, muito mais. Para que vocês tenham uma ideia, hoje, dos 190 milhões de brasileiros, 145 milhões dependem exclusivamente do

sistema público de Saúde. Não é um sistema pequeno e de baixa complexidade. São 145 milhões de brasileiros e de brasileiras. Isso significa, entre outras coisas, um milhão de internações por mês; isso significa 3,2 bilhões de procedimentos ambulatoriais por ano, e 500 milhões de consultas médicas anuais; isso envolve feitos como a manutenção da maior rede de bancos de leite humano do mundo, ou a realização do maior número de transplantes gratuitos de órgãos do planeta. Um país que consegue fazer isso pode e deve enfrentar novos desafios.

Eu estou consciente de que o SOS Emergências é um desafio e tanto. Vamos intervir de forma gradativa, porém decisiva, onde muitos governos evitam assumir responsabilidade direta: a emergência dos grandes hospitais públicos, os prontos-socorros.

Já ouvi de algumas pessoas que seria como enxugar gelo, pois se trata de um esforço de 24 horas por dia, que pode ser prejudicado por um único erro. Para nós, é necessário mesmo um esforço de 24 horas por dia, e cada erro será motivo de superação.

O programa SOS Emergências, como eu disse, vai começar nos onze maiores prontos-socorros, com a meta de alcançar, como mostrou o ministro Padilha, os 40 mais importantes, até 2014.

Vamos tomar medidas para reduzir o tempo de espera para o atendimento de emergência e internação, para acelerar a realização de exames e para aumentar o número de médicos. Além do decisivo papel dos médicos e profissionais da Saúde da rede pública, vamos contar também com as equipes, com a participação das equipes parceiras de importantes hospitais privados de excelência.

Juntos, vamos implantar núcleos de eficiência e qualidade em cada um desses quinze... aliás, desses onze hospitais. Entre outras funções, eles vão realizar, também, auditorias permanentes nos setores de atendimento, de recursos humanos, de equipamentos, insumos, controle e qualidade dos gastos.

Minhas amigas e meus amigos,

A implantação do Melhor em Casa e do SOS Emergências demanda tempo, dedicação e recursos. Tracei uma orientação bem clara: fazer agora mais com o que temos, e não ficarmos de braços cruzados, esperando que os recursos caiam do céu. Vamos fazer por onde com o que temos, e nos assegurar, e mostrar que isso é um exemplo para as necessidades de melhoria de recursos para a Saúde Pública do país. Para isso, vamos continuar a aperfeiçoar métodos, fiscalizar gastos, acabar com o desperdício e combater sem tréguas os desvios e os mal feitos.

Por sinal, só nos primeiros seis meses do nosso governo, conseguimos economizar mais de R\$ 600 milhões, por causa de medidas implantadas pelo ministro Padilha no Ministério da Saúde, como a compra centralizada de medicamentos, um maior controle nos repasses e a realização de auditorias permanentes. Essas medidas serão ampliadas, e vamos continuar, também, reforçando o controle de frequência e permanência no trabalho, premiando e incentivando os bons profissionais e punindo, com rigor, os maus.

Vamos contratar mais médicos, dando especial atenção para as áreas de atendimento prioritário e para as regiões mais remotas. Por exemplo, os médicos recém formados que trabalharem em áreas de pobreza terão vantagens para quitar – se tiverem – o seu crédito estudantil. Daremos até 20% de pontuação adicional nas provas de residência para os profissionais que atuarem em áreas prioritárias. Vamos, antes de tudo, lutar para oferecer melhor saúde aos mais pobres; porque, quanto mais pobre é uma pessoa, mais ela precisa e merece ter um bom atendimento de Saúde. Vamos, em suma, continuar nossa luta em favor

de um Brasil cada vez melhor, cada vez mais forte. Eu tenho certeza de que nós seremos bem sucedidos, porque juntos nós temos a força para fazê-lo.

Muito obrigada a todos.

Ouçã a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-lancamento-do-programa-melhor-em-casa-e-anuncio-do-sos-emergencia-brasilia-df-22min18s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-lancamento-do-programa-melhor-em-casa-e-anuncio-do-sos-emergencia-brasilia-df-22min18s)(22min18s) da Presidenta Dilma Rousseff

Salvar

# 08-11-2011 - Pronunciamento da Presidenta da República, Dilma Rousseff, sobre os Programas Melhor em Casa e SOS Emergências

**Presidenta Dilma Rousseff afirmou que os programas Melhor em Casa e SOS Emergências representam uma nova atitude do governo federal, estados e municípios em favor de uma saúde pública de mais qualidade no Brasil**

**Brasília-DF, 08 de novembro de 2011**

Minhas amigas e meus amigos,

Lançamos hoje dois importantes programas de Saúde: o SOS Emergências e o Melhor em Casa. Vamos lutar com toda garra para que eles tragam melhorias no atendimento à população, para que signifiquem também uma nova atitude dos governos, dos profissionais de Saúde e do meio científico em favor de uma saúde pública de mais qualidade no Brasil.

O SOS Emergências é uma ação integrada de melhoria no atendimento e na gestão do setor mais crítico da Saúde: as emergências dos grandes hospitais do país. O programa vai começar nos 11 maiores pronto-socorros, com a meta de alcançar, até 2014, os 40 mais importantes. Queremos criar um novo padrão de qualidade no atendimento das pessoas que procuram nossas emergências, da recepção aos ambulatórios, dos centros cirúrgicos aos setores de internamento.

Vamos começar esse esforço por alguns dos hospitais que enfrentam mais dificuldades. Para isso, iremos trabalhar com os melhores hospitais privados do país. Eles nos ajudarão na melhoria da gestão hospitalar, na qualidade do atendimento e na garantia de um tratamento rápido, humano e efetivo.

O Melhor em Casa, é um sistema de tratamento médico domiciliar que será implantado gradativamente em todo o território nacional para atender os doentes crônicos, os idosos, os pacientes em recuperação de cirurgias e as pessoas com necessidade de reabilitação motora.

Esses pacientes terão visitas regulares de médicos e enfermeiros em suas próprias casas. Vão receber medicamentos e, se necessário, equipamentos fornecidos gratuitamente pelo governo. Tudo isso, perto do carinho de suas famílias, protegidos dos riscos de infecções e outras pressões psicológicas causadas por hospitais sobrecarregados.

O Melhor em Casa e o SOS Emergências são programas importantes e de implantação complexa, que não vão resolver da noite para o dia todos os problemas do atendimento médico, mas que irão contribuir para dar um tratamento mais digno e mais humano aos usuários da rede pública de saúde.

Tão importante quanto seus efeitos é a mudança de atitude que eles representam, pois significam também uma parceria e divisão de responsabilidade entre os governos federal, estadual e municipal. Por isso, fiz questão de convidar governadores e prefeitos para firmarmos hoje um pacto de emergência republicana, na área da saúde. Um pacto onde cada

um tem que assumir sua responsabilidade e não fugir jamais aos desafios. Da parte do governo federal isso significa uma lição de humildade e de coragem. Humildade para reconhecer que a situação da saúde pública não está boa e precisa melhorar; coragem, porque estamos atraindo para nós a responsabilidade de liderar este processo.

Não tenho medo de assumir essa tarefa. Mas quero pedir a vocês compreensão e consciência do esforço que o Brasil tem feito e precisa fazer cada vez mais em favor da melhoria da saúde.

Minhas amigas e meus amigos,

Esse esforço vem sendo feito ao longo de muitos anos. Talvez nem todos saibam, mas o Brasil é o único país do mundo com mais de 100 milhões de habitantes que assumiu o desafio de ter um sistema universal, público e gratuito de saúde. Para que vocês tenham uma ideia, hoje, dos 190 milhões de brasileiros e brasileiras, 145 milhões dependem exclusivamente do sistema público de saúde. Isso significa, entre outras coisas, um milhão de internações por mês. Isso significa três bilhões e duzentos milhões de procedimentos ambulatoriais por ano, e 500 milhões de consultas médicas anuais. Isso envolve feitos como a manutenção da maior rede de bancos de leite humano do mundo, ou a realização do maior número de transplantes gratuitos de órgãos do planeta.

Quando, mundo afora, cito números como esses a outros presidentes, vejo o ar de espanto e surpresa em suas faces. O fato é que somos, Brasil e povo brasileiro, suficientemente fortes para enfrentar e vencer o desafio que está agora diante de nós: garantir a qualidade do atendimento prestado à nossa população, com hospitais bem administrados e com um número de médicos suficiente para atender a todos que necessitem.

Minhas amigas e meus amigos,

O SOS Emergências é um desafio e tanto! Vamos intervir de forma gradativa, porém decisiva, onde muitos governos evitam assumir responsabilidade direta: a emergência dos grandes hospitais públicos. Já ouvi de algumas pessoas que seria como enxugar gelo, pois se trata de um esforço de 24 horas por dia que pode ser prejudicado por um único erro. Para nós, é mesmo necessário um esforço de 24 horas. E cada erro será mais um motivo de superação. Vamos tomar medidas para reduzir o tempo de espera para o atendimento de emergência e internação. Para acelerar a realização de exames e para aumentar o número de médicos. Além do decisivo papel dos médicos e profissionais de saúde da rede pública, vamos contar também com a participação de equipes parceiras de importantes hospitais privados de excelência.

Vamos implantar, em cada pronto-socorro, núcleos de eficiência e qualidade. Entre outras funções, eles vão realizar auditorias permanentes nos setores de atendimento, de recursos humanos, de equipamentos, insumos, controle e qualidade dos gastos.

Minhas amigas e meus amigos,

A implantação do Melhor em Casa e do SOS Emergências demanda tempo, dedicação e recursos. Temos uma orientação clara: fazer mais com o que temos, e não ficarmos de braços cruzados, esperando que os recursos caiam do céu. Para isso, vamos continuar a aperfeiçoar métodos, fiscalizar gastos, acabar com o desperdício e combater sem tréguas os desvios e os mal-feitos.

Por sinal, só nos primeiros seis meses do nosso governo, conseguimos economizar mais de R\$ 600 milhões, por causa de medidas que implantamos, como a compra centralizada de medicamentos, um maior controle nos repasses e a realização de auditorias permanentes. Essas medidas serão ampliadas, e vamos continuar, também, reforçando o controle de

frequência e a permanência no trabalho, premiando e incentivando os bons profissionais e punindo, com rigor, os maus.

Vamos também contratar mais médicos, dando especial atenção para as áreas de atendimento prioritário e para as regiões mais remotas. Por exemplo, os médicos recém-formados que trabalharem em áreas de pobreza terão vantagens para quitar o crédito estudantil. Daremos até 10% de pontuação adicional nas provas de residência para os profissionais que atuarem em áreas prioritárias. Vamos, antes de tudo, lutar para oferecer melhor saúde aos mais pobres; porque, quanto mais pobre é uma pessoa, mais ela precisa e merece ter um bom atendimento de saúde. Vamos, em suma, continuar nossa luta em favor de um Brasil cada vez melhor, porque partidos, governos, pessoas, somos apenas instrumentos passageiros da grande e permanente ação republicana de garantir o bom funcionamento das instituições, a melhoria da qualidade dos serviços públicos e o bem estar de todos os brasileiros e brasileiras.

Obrigada e boa noite.

Ouçã a íntegra do pronunciamento (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-pronunciamento-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-sobre-os-programas-melhor-em-casa-e-sos-emergencia-brasilia-df-09min31s>) (09min31s) da Presidenta Dilma

Salvar

# 09-11-2011 - Palavras da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante encontro com os atletas brasileiros medalhistas dos XVI Jogos Pan-Americanos de Guadalajara 2011

**Presidenta Dilma comenta que o Brasil está demonstrando que nós seremos, cada vez mais, um país em que todos terão oportunidade, todos conquistarão seus sonhos, e que eles são possíveis e realizáveis**

**Palácio do Planalto, 09 de novembro de 2011**

**Presidenta:** Nós temos como usar esse exemplo, e fazer com que esse exemplo se transforme em oportunidades, em determinação, porque eu acho que o que vocês mostram é que quem insiste, quem treina e quem investe na sua capacidade, consegue. Eu acho que vocês são um exemplo para a juventude e para nós também, de que a gente tem de ter garra, e vocês têm garra, são guerreiros.

É um imenso orgulho estar aqui hoje, eu e o Ministro do Esporte, falando com vocês e recebendo vocês. Acho que o Brasil inteiro gostaria de estar aqui recebendo vocês. Porque é, de fato, muito emocionante. A gente acompanha vocês pela televisão, vê vocês ganharem, torce, mas não tem nada que substitua este olho no olho, aqui, vendo a força de cada um, e uma coisa fantástica: todos jovens. A juventude, a força da juventude do nosso país, que é o futuro do país.

Então, eu agradeço a cada um de vocês, e tenho certeza de que vocês serão a nossa garantia nas Olimpíadas de 2016.

Conto com vocês lá!

\_\_\_\_\_ : Então, é a oportunidade de todos nós aqui agradecermos o que foi feito e a evolução que teve nesses últimos oito anos, nove anos. O esporte só chegou nesse nível por causa da organização do Comitê Olímpico Brasileiro e o apoio também que o governo federal tem dado para os atletas. Isso aí é... todos nós aqui estamos super felizes, sorridentes, porque estamos representando o Brasil, que é o que a gente gosta de fazer.

**Presidenta:** Pode ter certeza de que não só nós vamos continuar, como nós vamos ampliar esse apoio.

\_\_\_\_\_ : Isso aí é ótimo. Isso é ótimo.

**Presidenta:** Alguém mais quer fazer uso...

\_\_\_\_\_ : (inaudível)

**Presidenta:** Eu sei, mas... Você não quer fazer uso...? Ele falou? Você se considera representado. Então, vamos ver se...

\_\_\_\_\_ : (inaudível)

**Presidenta:** Eu acho que ela.

\_\_\_\_\_ : Então, faz favor.

**Presidenta:** Eu seguro, para você depois me dar... Então a gente bota aqui ele segurando, ele segura para ela um pouquinho.

\_\_\_\_\_ : Agradecer todo o apoio do governo, do Comitê Olímpico, em nome dos atletas que estão aqui, toda essa viagem, todo esse aparato lá nos Jogos. Ai, que vergonha! É mais agradecer mesmo esse apoio e, enfim, vamos batalhar, vamos treinar, vamos nos esforçar mais para estar representando o Brasil melhor até do que nos Jogos Pan-Americanos.

**Presidenta:** Ótimo! (incompreensível) Agora podemos... Eu estava pensando, eu vou passar a palavra para o Aldo, e depois (incompreensível). A palavra está com o nosso ministro do Esporte.

**Ministro do Esporte:** Bom dia, bom dia. Queridas e queridos atletas. Claro que o nosso gesto – bom dia, presidente Dilma – é de admiração, de carinho e de imensa gratidão pelo que vocês representam e significam para o nosso país e para o nosso povo. Tudo aquilo que a nossa Presidente já disse: referência, exemplo – que a juventude precisa dessas referências – de persistência, de coragem, de enfrentar desafios, de superação. E creio que, neste momento, vocês representam tudo isso. Então, contem com o nosso governo, com o Ministério, com os nossos programas, com as portas abertas, com o compromisso da nossa presidente Dilma, com o apoio do Comitê Olímpico Brasileiro, com quem nós trabalhamos juntos e recebam o meu abraço de carinho e de reconhecimento. Parabéns!

\_\_\_\_\_ : Querida e excelentíssima presidente Dilma. Muito obrigado, Presidente. Muito obrigado. É para mim uma honra, acho que para todos nós brasileiros, contarmos com o apoio incondicional de Vossa Excelência, que aliás, não é de hoje. Desde que a senhora nos ajudava na Casa Civil e tantas outras situações de apoio ao desporto.

Esse eu acho que é o momento, talvez, primeiro de tantos outros que virão de agradecimento profundo por tudo que Vossa Excelência vem fazendo pelo desporto, pelo nosso país, mas, muito em particular pelo desporto, com a sua vontade pessoal e particular de apoio na indicação, inclusive, do nosso ministro Aldo Rebelo, uma pessoa que também no Congresso Nacional sempre nos apoiou.

E é só pra dizer que, de coração, as palavras que o nosso presidente Nuzman vai dizer também, que é só de agradecimento, certamente a gente só tem alegrias nesse Pan-Americano, que foi uma participação... a maior delegação que já saiu do país, uma delegação que trouxe 141 medalhas – sendo 48 de ouro – superando, na proporção de atletas, o Rio de Janeiro, em 2007. Nós tivemos uma delegação 30% maior e, nesta, a proporção de medalhas foi superior.

Basicamente, o apoio que Vossa Excelência tem dado, com o apoio do Comitê Olímpico Brasileiro e as confederações brasileiras, tudo tem sido feito, nos leva a crer que não só em 2012, mas em 2016, Vossa Excelência será coroadíssima mais uma vez com um prêmio, quem sabe, de país de primeiro mundo de qualidade esportiva e olímpica.

Muito obrigado, Presidenta.

\_\_\_\_\_ : Presidenta Dilma Rousseff, ministro Aldo Rebelo, meninas e meninos. Só agradecer, Presidenta, aqui, de coração, muitas das palavras do Bernard, até com a emoção de tê-lo conosco. É a primeira de outras que nós temos certeza de que estaremos, e dizer que essa turma toda classificou mais de 100 atletas já para os Jogos Olímpicos de Londres.

Sendo que em Guadalajara foram 29. Já temos mais de 100. Nós estamos, ainda, a bastante tempo dos Jogos, e lá foram 29, e muitos estarão aqui para 2016, pela idade que eles têm. O que nos deixa entusiasmados.

Nosso trabalho com o Ministério do Esporte, com o ministro Aldo é de total irmandade, juntos. Eu acho que, juntos, nós vamos construir e poder fazer um pouco de alegria, que a senhora merece. E queria também deixar um agradecimento, não só por esse resultado, mas pelo apoio ao Rio 2016. Vossa Excelência tem sido incansável; a APO hoje está muito bem dirigida pelo ministro Márcio Fortes. Mas eu queria dizer que a senhora, desde que era ministra-chefe da Casa Civil, a senhora conhece o projeto tão bem como nós, porque a senhora esteve, recebeu e defendeu perante a comissão.

Eu queria hoje agradecer, em nome dos dois, o seu carinho, a sua determinação e, mais do que isso, a pessoa que a senhora é como presidenta do Brasil, como chefe de Estado. Muito obrigado.

**Presidenta:** Eu queria finalizar dizendo para vocês uma coisa: eu acho que vocês podem ter certeza de que a importância que cada medalha, cada conquista de cada um de vocês tem para nós é muito grande, porque mostra essa capacidade que o Brasil está demonstrando, de que nós seremos, cada vez mais, um país em que todos terão oportunidade, todos conquistarão seus sonhos, e que eles são possíveis e eles são realizáveis. Essa força que vocês demonstram. E eu fico muito feliz, porque eu estou aqui com vocês. Acho que - aquilo que eu disse antes - acho que todos os brasileiros queriam estar aqui abraçando e agradecendo. Abraçando e agradecendo cada um dos minutos de esforço, de superação, de suor, de dedicação que vocês deram para o Brasil.

Então, eu encerro dizendo assim, muito simplesmente: Muito obrigada!

Ouçã a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-da-fala-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-encontro-com-atletas-brasileiros-medalhistas-dos-xvi-jogos-pan-americanos-de-guadalajara-2011-brasilia-df-10min42s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-da-fala-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-encontro-com-atletas-brasileiros-medalhistas-dos-xvi-jogos-pan-americanos-de-guadalajara-2011-brasilia-df-10min42s)(10min42s) da Presidenta Dilma

Salvar

# 10-11-2011 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de sanção da lei que altera o Supersimples

**Presidenta Dilma Rousseff sanciona, em solenidade no Palácio do Planalto, lei que altera o Supersimples e o programa Microempreendedor Individual**

**Palácio do Planalto, 10 de novembro de 2011**

Eu queria cumprimentar o nosso Vice-Presidente, Michel Temer,

O presidente da Câmara dos Deputados, Marco Maia,

A nossa querida Maria Aracilda, microempreendedora do setor de confecções, representante desse setor e dos pequenos empresários do nosso país, por intermédio de quem eu saúdo todos os micro e pequenos empreendedores,

Queria cumprimentar também o nosso líder dos micro e pequenos empreendedores da Frente Parlamentar [Frente Parlamentar Mista das Micro e Pequenas Empresas], o nosso querido deputado Pepe Vargas, em nome de quem eu saúdo, também, todos os integrantes da Frente Parlamentar, essa frente pluripartidária que teve uma grande sensibilidade para com o país, aprovando em tempo recorde essa Lei. Então, agradeço imensamente à Frente Parlamentar.

Queria cumprimentar os ministros de Estado: ministra Gleisi Hoffmann, da Casa Civil; Guido Mantega, da Fazenda; Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Miriam Belchior, do Planejamento, Orçamento e Gestão; o José Elito Carvalho Siqueira, do Gabinete de Segurança Internacional [Institucional]; a nossa querida Ideli Salvatti, das Relações Institucionais; a Helena Chagas, da Comunicação Social,

Queria dirigir um cumprimento ao senhor Guilherme Afif Domingos, vice-governador de São Paulo,

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores senadores aqui presentes: o líder do governo no Congresso e relator da lei do Supersimples no Senado, José Pimentel; Romero Jucá, líder do governo no Senado Federal; a Ana Amélia Lemos; o senador Gim Argello; o senador Humberto Costa,

Queria cumprimentar os deputados Cláudio Puty e Jorginho Mello, relatores do Supersimples na Câmara dos Deputados. A eles e ao Fernando... ao nosso querido José Pimentel, estendo os meus cumprimentos e agradecimentos. E, ao cumprimentá-los, cumprimento todos os deputados aqui presentes,

Queria também cumprimentar os prefeitos de capitais: João Castelo, de São Luís; Micarla de Sousa, de Natal,

Queria cumprimentar o presidente nacional do Sebrae, Luiz Barretto Filho,

Os representantes do setor de micro e pequenas empresas: José Paulo Cairolí, da Confederação das Associações Comerciais e Empresariais do Brasil; José Tarcísio da Silva,

da Confederação Nacional das Microempresas e Empresas de Pequeno Porte; Paulo Solmucci, da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes; Alencar Burti, da Associação Comercial de São Paulo,

Cumprimentar os nossos jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

Senhoras e Senhores,

De fato, é um imenso prazer e uma honra estar aqui, nesta sanção do Supersimples.

Eu passei a semana passada inteira, de segunda a sexta, e a palavra que eu mais escutei foi “crise” – crise da dívida soberana, crise dos bancos europeus – e uma ausência absoluta de perspectiva de retomada do crescimento econômico naqueles países.

E acredito que o Brasil, aqui, com este evento, dá um exemplo de que nós estamos em outra pauta. A nossa pauta é a pauta do crescimento do nosso mercado interno, do crescimento dos nossos empregos, do crescimento dos lucros dos nossos empresários, o crescimento da renda do país. Por isso é muito importante essa cerimônia, porque ela é simbólica.

Vejam vocês que esse Programa foi lançado em agosto; nós estamos no início de novembro, ele está sendo sancionado. Porque uma outra característica que nós estamos vendo nos países avançados é uma imensa dificuldade dos Congressos, de se ligarem à realidade de seus próprios países. Nós vimos uma situação muito desagradável para o mundo, e muito perigosa, que foi a discussão sobre o teto da dívida no Congresso americano, que levou, inclusive, na sequência, a uma redução do *rating* dos Estados Unidos. Nós vimos, estamos vendo as dificuldades por que passam os diferentes Congressos e os diferentes governos nos países europeus.

Então, esta demonstração da Câmara e do Senado brasileiro é uma demonstração de que o país está junto, em acordo, em relação à necessidade de melhorar, cada vez mais, a nossa robustez. Robustez que é macroeconômica, porque somos um país com dívida baixa; robustez que também deriva do fato de termos uma quantidade significativa de reservas – mais de U\$350 bilhões – algo muito importante nesses tempos; robustez, porque temos um mercado interno em crescimento; e, robustez porque temos um segmento empresarial de micro e pequenos empreendedores – e aí eu vou “roubar” uma palavra do nosso vice-governador de São Paulo, Guilherme Afif, que dizia que o Brasil tem trabalhadores, que são essenciais para o país crescer, mas tem “batalhadores”, que são os pequenos e os microempreendedores desse país, porque batalham pela sobrevivência de suas empresas.

Por isso, queria agradecer às associações, queria agradecer ao Congresso e dizer que a importância que nós demos a esta Lei reafirma o compromisso de todos nós com o crescimento do país e com milhões de empreendedores que asseguram que o nosso país seja um país com estabilidade, porque um país só com grandes empresas... São importantes as grandes empresas, elas são importantes? Sem dúvida, mas um país tem de ter esse imenso tecido social que é essa... esses milhões de empreendedores batalhadores, que são responsáveis, como mostrou o ministro Guido Mantega, pela geração de empresas. Nós fizemos um tripé, o tripé era o Supersimples, toda a atualização do MEI, e eu acho importante que o pequeno e o microempreendedor individual que tiver R\$ 5 mil de arrecadação/mês seja isento daqueles impostos, e pague uma parcela muito pequena, porque também são muito importantes os microempreendedores. E o microcrédito produtivo orientado, que nós reduzimos os juros para 8%, e sabemos que, muitas vezes, o pequeno e o micro empreendedor precisam de um sinal, de um recurso para poder dar fôlego ou iniciar ou expandir o seu negócio. Então, esse tripé, eu saúdo hoje aqui, em que pese o microempreendedor ainda não ter sido... não ter tramitado no Congresso, mas tenho certeza de que a sensibilidade dos parlamentares vai abraçar.

Então, eu queria dizer para vocês que nós aqui, hoje, damos uma demonstração. Uma demonstração de que nós estamos preocupados com a economia real deste país, com aquilo que gera riqueza para este país, e com o que vai assegurar que nós tenhamos todas as condições.

Porque depende de nós ter uma atitude em relação a essa turbulência internacional, uma atitude de sobriedade, nós temos de continuar investindo, de continuar consumindo, o governo continuar fazendo seus projetos de infraestrutura, seus projetos do Minha Casa, Minha Vida, os microempreendedores têm de continuar produzindo, porque nós somos um país que temos uma diferença, e é essa diferença que nos faz fortes: nós somos um país que tem 190 milhões de habitantes. Nós não somos um país com um mercado pequeno, nós não somos um país pequeno. Este país é um país grande, principalmente grande por sua população, que é a sua maior riqueza, que é essa capacidade da dona Aracilda, aqui, de chegar aqui e dizer que ela está há 30 anos no negócio de confecção. É essa determinação de trabalhar e essa determinação de se arriscar, porque o micro e o pequeno empresário, ele se arrisca, ele se expõe. E por isso eu tenho certeza de que o meu governo, assim como eu assisti no governo do presidente Lula, nós queremos não ser um entrave para os pequenos e microempreendedores. Nós queremos ser os facilitadores da sua expansão e da sua capacidade de produção de riqueza.

É também um momento muito importante, porque nós, quando fazemos isso, beneficiamos o Brasil inteiro, porque aqui se gera renda que vai comprar os produtos de todos os segmentos, da agricultura aos serviços, e à própria indústria. E fortalecemos um elemento essencial do nosso país, que faz parte da nossa política de combate à pobreza. Nós queremos fortalecer a classe média brasileira e dar à classe média brasileira oportunidades, não só na área de Educação, Saúde, não só na área do empreendedorismo, mas em todas as áreas.

Porque país rico é país sem pobreza, mas, sobretudo, país sem pobreza é um país com classe média forte. E é isso o que nós estamos fazendo hoje aqui. Nós queremos que o nosso país seja um país de classe média. E isso significa também combater a miséria, combater os... tirar da miséria, das condições de miséria, 16 milhões de brasileiros e brasileiras. Com isso, nós queremos, cada vez mais, um mercado interno forte.

E eu encerro dizendo que, de fato, eu passei uma semana discutindo crise, crise da dívida e crise da dívida soberana. Mas, ao chegar aqui, eu passei a discutir as condições nas quais este país vai continuar crescendo, gerando emprego, consumo e riqueza para todos nós brasileiros.

Obrigada a todos, e eu tenho certeza de que juntos – Congresso, governo e empreendedores – eu concordo como o Pepe: é importante sempre ficarmos contentes, Pepe, você fica contente, mas depois você fica descontente, porque ficar... o Guido ficou muito apreensivo, viu, Pepe, mas eu não fico apreensiva, eu acho que sempre é possível melhorar.

Muito obrigada.

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-sancao-da-lei-que-altera-o-supersimples-brasilia-df-14min39s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-sancao-da-lei-que-altera-o-supersimples-brasilia-df-14min39s>) (14min38s) da Presidenta Dilma

# 10-11-2011 - Palavras da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante assinatura de termo de entendimento para ampliação de crédito fiscal dos estados de AL, MA, MG, PR, RJ, RS e SP

**Presidenta Dilma diz que essa capacidade dos estados brasileiros de terem conseguido abrir espaço para o investimento, estar com as finanças equilibradas, estar com as finanças sob controle, e ao mesmo tempo, serem capazes de investir, é uma conquista do Brasil**

**Palácio do Planalto, 10 de novembro de 2011**

Eu queria iniciar dando as boas vindas a todos, a todos os governadores aqui presentes, e também ao nosso presidente da CAF, que hoje está aqui conosco. Então, agradeço a presença de todos vocês, queria cumprimentar cada um dos governadores e dizer da importância para nós de estar aqui hoje assinando mais um, com mais um grupo de governadores. Isso, principalmente em uma conjuntura em que o mundo passa por grandes dificuldades, essa capacidade dos nossos estados brasileiros de terem conseguido abrir espaço para o investimento, estar com as finanças equilibradas, estar com as finanças sob controle, e ao mesmo tempo, serem capazes de investir, eu acho que é uma conquista do Brasil. Porque a gente fala: – olha, o Brasil é... está crescendo, distribuindo renda... nós temos uma indústria investindo, nós temos, enfim, uma modificação muito grande no Brasil. Agora, essa modificação abrange esse fato, que é a capacidade de os governos estaduais de investirem.

Acho que isso é uma conquista que nós temos de comemorar, assegurar que seja permanente, porque é um fator – eu diria – que tem três características: a primeira é levar o investimento de forma mais pulverizada no Brasil. É assegurar que todas as regiões contem com projetos de investimento de porte. A segunda é permitir que a taxa de investimento do país cresça. Não só o investimento do governo federal, mas o investimento das unidades estaduais do país, não é? Os entes federados – estado. E eu acho que o terceiro fator que é essa conquista de sobriedade do Brasil; essa conquista de estabilidade; essa conquista em um mundo que está sofrendo consequências de uma dívida excessiva. Os vinte e sete... interessante que os 27 estados brasileiros tem assim... uma certa... eco dos 25... dos 20 países que compõem a União Europeia, mas os nossos 27 estados são hoje estados com robustez fiscal, por isso nós estamos aqui. Nós estamos aqui porque tem espaço fiscal de investimento e é obrigação do governo federal, em tendo esse espaço, viabilizar as condições para o investimento.

Então, eu queria cumprimentar primeiro os governadores. Acho que hoje aqui é o reconhecimento... pelo menos a União faz esse reconhecimento, de público da capacidade de investimento dos estados. Faz o reconhecimento de público que foi uma longa trajetória, tanto para o Brasil Governo Federal, como o Brasil governos estaduais, chegar até aqui. Mas

nós chegamos, vamos preservar, e é por isso que seremos capazes de enfrentar a crise. Por isso, parabéns a todos, não é?

Eu passo a palavra para o Guido, se ele quiser acrescentar alguma coisa...

**Ministro Guido Mantega:** Obrigado, Presidenta. Boa tarde a todos. Queria cumprimentar a Presidenta, as ministras, os governadores, os secretários, os assessores.

E nós estamos aqui, hoje, para a assinatura de termos de entendimento, que vão ampliar o espaço fiscal de sete estados. O conjunto de espaço fiscal que está sendo ampliado nesta ocasião, Presidenta, é de R\$ 21, 3 bilhões...

**Presidenta:** Que somados com os anteriores...

**Ministro Guido Mantega:** Que somados com os R\$ 15,7 bilhões de duas semanas atrás, nós já chegamos a R\$ 37 bilhões de espaço fiscal para os estados. Isto é a maior liberação de espaço fiscal que já foi feita, neste ou em qualquer outro governo.

**Presidenta:** Nunca dantes na história deste país.

**Ministro Guido Mantega:** Deixei para a senhora usar o termo adequado.

**Presidenta:** O refrão. Citando todo mundo sabe quem, o presidente Lula.

**Ministro Guido Mantega:** \_\_\_\_\_

**Presidenta:** Eu gostaria... Eu proponho que a gente agora faça as assinaturas e, depois, eu acho que seria importante dar a palavra a cada um dos governadores. Então, daria para começar as assinaturas?

\_\_\_\_\_: Prosseguiremos com as assinaturas dos termos de entendimento, convidamos o Ministro da Fazenda e a governadora do Maranhão. Convidamos a senhora Presidenta da República a acompanhar as assinaturas.

**Presidenta:** Vamos embora, dona Roseana.

(governadores assinam termo de entendimento)

**Presidenta:** Eu, então, queria passar... pela dona Roseana, porque a governadora terá de se ausentar em seguida.

**Governadora Roseana Sarney:** \_\_\_\_\_

**Presidenta:** Parabéns, governadora.

**Governador Antonio Anastasia:** \_\_\_\_\_

**Governador Beto Richa:** \_\_\_\_\_

**Governador Geraldo Alckmin:** \_\_\_\_\_

**Governador Tarso Genro:** \_\_\_\_\_

**Governador Teotonio Vilela Filho:** \_\_\_\_\_

**Presidenta:** Eu queria dizer para vocês que – hoje até, de manhã, eu já disse isso, quando nós estávamos sancionando a lei do Supersimples – mas eu e o ministro Guido Mantega, estivemos nos últimos... na última semana, muito envolvidos com a discussão da crise

internacional e com a situação do endividamento dos diferentes países europeus com a crise da dívida soberana e da relação com os bancos.

E isso sempre leva a gente a refletir sobre a nossa (falha no áudio), e é absolutamente importante lembrar que o Brasil teve um momento, no passado, de crise da dívida também. Naquela época era dívida externa, com reflexo também na dívida interna, na sequência. Mas o que eu acho extremamente relevante que nós conseguimos – e aí é uma conquista de todos, não só do meu governo, mas de governos passados – nós conseguimos, eu acho, no Brasil uma grande maturidade institucional, que é perceber que é possível compatibilizar solidez fiscal e investimento, que é algo que não é contraditório. Porque o que nos torna hoje capazes de resistir à crise, capazes de ter uma espécie de barreira aos efeitos dessa crise é o fato de que nós temos essa parêntese: solidez fiscal nas contas públicas do governo federal, dos estados – nós não temos nenhum estado hoje que tem um processo de endividamento descontrolado – nós temos os estados com capacidade de, como foi dito aqui, de pagar suas contas em dia; nós temos estados que, pelo seu esforço, abriram espaço fiscal de investimento e que demonstram que o país consegue investir e manter os princípios da estabilidade.

Eu acho, isso é muito importante no mundo em que nós vivemos. Porque não é usual, não é usual. Nós tivemos, de fato, um longo processo, duas décadas perdidas. Nós tivemos esse triste evento na história recente do país. Mas essas décadas contribuíram pelo menos para que nós soubéssemos o caminho. Esse caminho que leva hoje à responsabilidade fiscal, à capacidade de ter consistência macroeconômica, ao fato de que nós podemos, com estabilidade, fazer o Brasil crescer.

Eu acho extremamente oportuno lembrar que dez, dez estados já assinaram esse espaço fiscal para o investimento, já assinaram o acordo com a União. E também, agora, mais sete, totalizando 17 estados. Como dois estão fora por características específicas, se não me engano o Tocantins e o Distrito Federal... É Amapá? É qual? É Amapá e Distrito Federal? Amapá e Tocantins? Nenhum dos dois têm programa, por razões específicas. Teriam oito estados ainda nessa situação, para fazer esse processo.

Eu considero extremamente relevante essa situação que nós vivemos. E considero este ato muito relevante, porque ele demonstra isso. Nós mudamos, quando nós chegamos no Brasil, nós mudamos a pauta. A pauta não é a falta de perspectiva, é, pelo contrário, é a perspectiva de estabilidade e crescimento.

Então, eu parablenizo cada um dos governadores. Infelizmente nós não pudemos, aqui, assinar com o Rio de Janeiro hoje, mas, de qualquer jeito, será assinado assim que for possível o comparecimento do Rio.

Todos os estados: Rio, São Paulo, Rio Grande do Sul, Alagoas, o Maranhão, Minas Gerais e o Paraná, junto com todos que já assinaram, que é o Acre, o Amazonas, a Bahia, o Ceará, Mato Grosso, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rondônia e Sergipe, constituem uma certeza do nível de investimento que o Brasil vai ser capaz de fazer, nos próximos meses e nos próximos anos.

Então, eu acredito que R\$ 37 bilhões com estabilidade é algo que nós temos de nos congratular. E a União não pode deixar de reconhecer que também nós temos uma evolução muito grande no Brasil. Não estou falando do passado, mas estou dizendo que nós temos, cada vez mais, uma qualidade muito grande nos governadores estaduais do país, que têm demonstrado uma imensa competência no gerir os seus estados, o que é muito expressivo, na medida em que é o Brasil demonstrando a sua capacidade de construir lideranças, também.

Então, eu me congratulo com vocês. Acho que antes de ser uma conquista da União, é uma conquista de cada um dos governadores, que a gente sabe que devem ter passado por grandes esforços para poder chegar aqui.

Eu fico muito feliz – viu, Teotônio? – de ver, aqui, Alagoas dando esse passo. É um momento, para mim, muito especial, porque eu acho que foi um estado que teve muita dificuldade no passado, então acredito nesse esforço. E também com o governador Tarso Genro, porque eu sei o quanto custa chegar aqui.

Então, cumprimento a cada um de vocês e digo que para o governo federal isso, esta cerimônia, ela é extremamente relevante. Mesmo modesta – viu, Tarso? – ela é modesta, mas 37 bilhões são 37 bilhões.

Ouçã a íntegra do [áudio \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-das-palavras-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-assinatura-de-termo-de-entendimento-para-ampliacao-de-credito-fiscal-dos-estados-de-al-ma-mg-pr-rj-rs-e-sp\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-das-palavras-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-assinatura-de-termo-de-entendimento-para-ampliacao-de-credito-fiscal-dos-estados-de-al-ma-mg-pr-rj-rs-e-sp)(35min28s)

Salvar

# 17-11-2011 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de lançamento do Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Viver sem Limite

**Por meio de ações estratégicas em educação, saúde, cidadania e acessibilidade, o Plano tem como objetivo promover a inclusão social e a autonomia da pessoa com deficiência**

**Palácio do Planalto, 17 de novembro de 2011**

Queria cumprimentar o presidente do Senado, senador José Sarney,

O presidente da Câmara dos Deputados, deputado Marco Maia,

Queria cumprimentar aqui os Ministros e as Ministras de Estado, cumprimentando a ministra da Casa Civil, Gleisi Hoffmann; Maria do Rosário, da Secretaria de Direitos Humanos; Fernando Haddad, da Educação; Garibaldi Alves, da Previdência Social; Tereza Campello, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Alexandre Padilha, da Saúde; Miriam Belchior, do Planejamento, Orçamento e Gestão; Valdir Simão, interino do Turismo; Ruy Nogueira, interino das Relações Exteriores; Aloizio Mercadante, da Ciência e Tecnologia; Afonso Florence, do Desenvolvimento Agrário; Luiz Sérgio, da Pesca; general Elito, do Gabinete de Segurança Institucional; Ideli Salvatti, da Secretaria de Relações Institucionais; Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social; Iriny Lopes, da Secretaria de Políticas para as Mulheres; e Leônidas Cristino, da Secretaria de Portos.

Queria cumprimentar meus queridos governadores aqui presentes: Cid Gomes, do Ceará, e senhora Maria Célia; e Marconi Perillo, de Goiás,

Queria cumprimentar a primeira-dama de Sergipe, senhora Eliane Aquino, e secretária de Inclusão, Assistência e Desenvolvimento Social; e a senhora Shéridan de Anchieta, primeira-dama de Roraima e secretária de Promoção Humana e Desenvolvimento,

Queria também cumprimentar o nosso querido senhor Antonio José do Nascimento, secretário nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência,

Também o senhor Moisés Bauer, nosso parceiro, presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência,

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores senadores aqui presentes: senador Lindbergh Farias; Casildo Maldaner; Gim Argello; Inácio Arruda; José Pimentel; Renan Calheiros; Valdir Raupp; Wellington Dias; e Ana Rita.

Queria também saudar as senhoras e os senhores deputados, e, ao fazê-lo, vou saudar em nome de uma parlamentar, de uma deputada federal combativa, Rosinha da Adefal, presidente da Frente Parlamentar em Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência.

Queria agradecer e saudar cada um... cada uma das entidades e instituições que aqui

assinaram esse documento, que é fundamental para que nós tenhamos uma política adequada, uma política correta, moderna para as pessoas com deficiência. Queria cumprimentar cada um. Eu não tenho a lista completa; por isso, se eu deixar de mencionar alguém, eu peço, antecipadamente, minhas desculpas.

Queria cumprimentar Antônio Carlos Figueiredo Nardi, presidente do Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde; padre João Júlio Farias Jr., secretário executivo do Centro Auditivo da Criança, da Fundação São Paulo-PUC; Flávio Fava de Moraes, presidente da Fundação Faculdade de Medicina do Hospital das Clínicas da USP; Amarildo... Amarilio – desculpa – Vieira de Machado Neto, presidente do Hospital de Clínicas de Porto Alegre; Geraldo da Rocha Motta Filho, diretor-geral do Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia; Lizair de Moraes Guarino, presidente da Associação Pestalozzi de Niterói; Walter Albertoni, reitor da Unifesp; Eliana Cunha, suplente da presidência da Fundação Dorina; Beatriz Figueiredo Dobashi, presidenta do Conselho Nacional de Secretários de Saúde; Dirceu Brás Aparecido Barbano, diretor-presidente da Anvisa; Hélio Nogueira da Cruz, vice-reitor do Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais da Universidade... da USP de Bauru; Hélio Nogueira da Cruz, vice-reitor do Hospital de Reabilitação de Anomalias Crônicas Faciais – me desculpe pela leitura errada; Mário Saad, diretor da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp; Lúcia Willadino Braga, diretora da Associação das Pioneiras Sociais – Sarah; Eduardo de Almeida Carneiro, presidente da Associação de Assistência à Criança Deficiente; Jorge dos Santos Silva, presidente do Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas da Fundação de Ortopedia da USP, São Paulo; Rosemeri Bartucheski, presidente da Fundação Catarinense de Educação Especial; Mara *Olimpia* de Campos Siauly, presidente da Associação Brasileira Nowill para Cegos; Lenir Santos, presidente da Fundação Síndrome de Down, de Campinas; Cássio dos Santos Clemente, presidente da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – Apae – de São Paulo; Tarcísio Crocomo, secretário de Saúde de Joinville; Antônio César Borges, reitor da Universidade Federal de Pelotas.

Cumprimentar as senhoras e os senhores da imprensa: jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

Cumprimentar aqui cada um dos presentes,

E queria dirigir um cumprimento especial, também, ao Romário e à menina... às duas menininhas que aqui tivemos uma cena, assim, maravilhosa e enternecedora: a filha do Romário carregando a filha do Lindbergh. Queria cumprimentar as duas.

Eu acredito que, em alguns momentos, a gente considera que eles são muito especiais, e aí, queria dizer que hoje este é um momento em que vale a pena ser Presidente.

Bom, obviamente é um momento de emoção. Eu acho que nós estamos aqui hoje para celebrar a coragem de viver, de viver sem limites e com autonomia, de viver... Então, estamos aqui hoje para celebrar a coragem de viver sem limites e com autonomia em um de seus aspectos mais importantes: a capacidade que nós, seres humanos, temos de nos transformar e de nos superar; a incrível força que há nas pessoas para vencer desafios e superar limites.

Estamos aqui hoje também para reforçar e ampliar um dos compromissos mais profundos do nosso governo, que é a luta contra toda espécie de desigualdade e a favor da oportunidade para todos. É isso que significa, para nós, o plano Viver sem Limite, o nosso Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência.

Durante meses, fiz questão de me dedicar, pessoalmente, com uma grande equipe, composta por ministros e técnicos de vários Ministérios, à elaboração desse Plano. Parabenizo a todos

pelo excelente trabalho. Parabênzo, em especial, à coordenação da ministra Gleisi Hoffmann, chefe da Casa Civil, que dedicou toda a sua atenção, seu cuidado, sua preocupação para construir esse Plano. Parabênzo também a ministra Maria do Rosário, da Secretaria de Direitos Humanos, e o secretário Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, o Antonio José, cujo conhecimento e sensibilidade e também o senso de humor foram decisivos para que nós, depois de incansáveis reuniões, estivéssemos em condição de, em parceria com a sociedade civil, apresentar hoje esse Plano à população brasileira.

Acredito que cada um de nós se tornou uma espécie de especialista na formação de cão-guia – e nós temos um belíssimo cão-guia aqui na frente, um labrador negro, muito parecido com o meu, só que o meu não é um especialista, não é um cão-guia – e também em todos os aspectos humanos. Nós devemos ao Antonio José, a sua dedicação e a seu empenho.

Agradeço a cada um que deu sua sugestão, pediu atenção, sugeriu ações e iniciativas. O Brasil tem, a partir de agora, um dos planos mais modernos de apoio, estímulo e defesa dos direitos das pessoas com deficiências. Como disse o Moisés, é um plano que está em aberto. Nós pretendemos sempre melhorá-lo, escutando sempre sugestões e atualizando de acordo com o que tiver de mais avançado nessa área.

É um plano para garantir cidadania plena às brasileiras e aos brasileiros com deficiência. Ele vai beneficiar pessoas de todas as idades, de todas as classes sociais e indiferenciadamente, de acordo com critérios de gênero. Vai garantir, em todo o país, não apenas o direito dessas pessoas, cada uma delas e seus direitos, mas também o que nós buscamos é dar instrumentos, ferramentas concretas para melhorar sua qualidade de vida, ampliar suas oportunidades de crescer e produzir e assegurar essa palavra mágica que é a autonomia.

Nós temos um objetivo: abrir ao máximo, e abrir o máximo de oportunidades para as pessoas com deficiência. Porque achamos que isso é um imperativo moral, ético, mas também uma necessidade da cidadania política, econômica e social, da construção da cidadania de cada um dos brasileiros e das brasileiras. Não apenas afeta as pessoas com deficiência, mas afeta a cada um dos brasileiros nessa necessidade imprescindível em uma sociedade, de se construir laços efetivos de proteção e de solidariedade.

Um país como o Brasil, que passa por um processo profundo de transformação, necessita da força e do talento de todos os brasileiros, sem exceção, no máximo de suas potencialidades, das potencialidades e do potencial de cada um e de cada uma para cumprir o nosso destino histórico.

Nós temos, segundo o último dado do Censo, 45 milhões de brasileiros e brasileiras com algum tipo de deficiência. São brasileiros que podem, sem dúvida, realizar plenamente seus sonhos individuais, mas também podem e devem ajudar a concretizar o nosso grande sonho coletivo. Em todo o mundo e também no Brasil, pessoas com deficiência têm dado prova de sua capacidade de viver, de desfrutar da vida, de tecer relações sociais e de contribuir em todos os setores profissionais, desde que contem com suportes legais, sociais, e econômicos e tecnológicos, que são aqueles que rompem as barreiras; desde que o meio em que nós vivemos – em que todos nós vivemos e trabalhamos – seja adaptado às suas necessidades.

O Brasil tem avançado muito nesse sentido, e a proposta do Viver sem Limite é melhorar e ampliar ainda mais essa realidade. Eu acredito que um exemplo concreto do fortalecimento desse processo e da institucionalização da política das pessoas com deficiência é o fato de que nós, a partir de 2008, ratificamos a convenção sobre os direitos das pessoas com deficiências e incluímos isso no texto da nossa Constituição Federal.

Por isso, o Viver sem Limite, ele coloca como meta a concretização dos princípios adotados

pela Convenção, como a não discriminação, o respeito à diferença, a participação e a inclusão de todos na sociedade, a ampliação da sensibilidade, da igualdade de oportunidades. O Viver sem Limite, para isso, mobilizará políticas sociais essenciais na garantia dos direitos e na democratização do acesso a bens e serviços públicos. O programa se integra a um conjunto amplo e estruturado de políticas de proteção social que o Brasil se orgulha de possuir. Reafirma, mais uma vez, o nosso compromisso de criar e oferecer as condições necessárias para que continue florescendo uma nova sociedade brasileira. Uma sociedade inclusiva, onde absolutamente todos os brasileiros e brasileiras caibam nesse todo; uma sociedade livre de preconceitos e de discriminação; e, enfim, uma sociedade onde nós tenhamos orgulho de viver e conviver.

Esse Plano, ele congrega e integra quinze órgãos federais, que é como uma orquestra. Por isso que eu cumprimentei a ministra Gleisi Hoffmann, porque, de uma certa forma, a ministra desempenhou a sua função, que era coordenar a orquestra, não deixar que ninguém tocasse fora do tom, e coordenasse no sentido de cada vez mais melhorar essa qualidade. Em suporte, a Secretaria de Direitos Humanos e, em especial, a Secretaria que é dirigida pelo Antônio José, a Secretaria Nacional de Pessoas com Deficiência.

Isso tudo, porque é fundamental que nós não apenas façamos esse Plano, mas que olhemos para as pessoas com deficiência e fortaleçamos o seu protagonismo, promovendo sua autonomia e eliminando as barreiras que impedem o acesso a direitos, aos serviços, bens, oportunidades, enfim, a todas as coisas que devem estar disponíveis para cada brasileiro e cada brasileira.

O Antônio José expôs para vocês as ações do Viver sem Limite, que estão organizadas em torno de quatro eixos: o acesso à Educação; a inclusão social; a atenção à Saúde; e a acessibilidade. Esse é o nosso primeiro passo do nosso caminho para garantir que todos tenham... todos os brasileiros com deficiência tenham acesso a uma qualidade de vida, a um viver sem limites e autonomia. Outros passos nós iremos dar, não só aperfeiçoando isso que estamos lançando hoje, mas também buscando novas fronteiras e rompendo novas barreiras.

Nós vamos garantir, por exemplo, algo que eu considero muito importante sempre enfatizar: transporte escolar. Vamos reformar as escolas para que tenham condições arquitetônicas e recursos multifuncionais adequados ao aprendizado das crianças e jovens com deficiência. Nós queremos todos na escola. Queremos, para isso, uma escola adequada para recebê-los. Vamos garantir transporte escolar, pois a dificuldade de chegar à escola não pode ser razão para sua exclusão. Vamos garantir transporte, também, para o centro de reabilitação e habilitação.

Sabemos todos que, com oportunidades e condições adequadas, não há deficiência que impeça as crianças e os adolescentes de estudar, de se tornarem profissionais, de realizar todo o seu potencial. Aliás, como demonstram os jovens atletas brasileiros que estão competindo no Parapan-Americano, no México, que já ultrapassaram a marca de centenas de medalhas, e nos enchem de orgulho.

No eixo da Saúde, nós vamos aprimorar o sistema de triagem neonatal e todos os elementos aqui evidenciados pelo Antônio José. Vamos, sobretudo, por meio da qualificação profissional e do BPC Trabalho, assegurar a inserção no mundo do trabalho. Todas as unidades do Minha Casa, Minha Vida destinadas à primeira faixa de renda serão adaptáveis. Todas as obras de Mobilidade Urbana do PAC e da Copa serão executadas de acordo com requisitos de acessibilidade. Faremos a desoneração de impostos para produtos de tecnologia assistiva.

Entre outros, esses são alguns dos exemplos de ações do Viver sem Limite que nós vamos implementar até 2014. Para fazer isso com sucesso, nós vamos mobilizar as redes públicas

federais; vamos ampliar, cada vez mais, a parceria com as redes públicas estaduais e municipais. E, por isso, precisamos dos prefeitos e dos governadores. Mas nós precisaremos, também, do apoio e do engajamento das instituições que, por muitos anos, foram esteio das ações de atenção às pessoas com deficiência, quando o Estado brasileiro deixou lacunas.

Entre tantas instituições, iniciativas, eu gostaria de cumprimentar aqui as Apaes para citar uma delas, que foram essenciais até hoje para a atenção das crianças com deficiência e às quais eu gostaria muito que continuassem nos auxiliando para transformar as boas propostas, que nós conseguimos formular em conjunto, em consistentes e abrangentes práticas de apoio e estímulo aos deficientes.

Com essas parcerias, o Viver sem Limite nos permitirá dar um salto extraordinário nos instrumentos e no compromisso do Estado brasileiro com a sociedade inclusiva. Essa sociedade inclusiva que todos nós julgamos ser essencial para o nosso país, de fato, ser um dos países mais desenvolvidos do mundo.

Eu tenho certeza de que, juntos, iremos implementar todas as ações e as metas do Viver sem Limite. Nós sabemos que precisamos ir além. Precisamos fazer com que o nosso olhar também se transforme. Este Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência é uma vitória de toda a sociedade brasileira, que tem pela frente um grande desafio: fazer com que cada homem, com que cada mulher deste país entenda que os direitos da pessoa com deficiência são direitos de cidadania de brasileiros e de brasileiras, que devem ser respeitados como parte necessária do fortalecimento da cidadania de todos os brasileiros e, sobretudo, como disse o Moisés: “que nada seja feito sem eles”.

Muito obrigada.

Ouçã a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-lancamento-do-plano-nacional-dos-direitos-da-pessoa-com-deficiencia-2013-viver-sem-limite-brasilia-df-26min51s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-lancamento-do-plano-nacional-dos-direitos-da-pessoa-com-deficiencia-2013-viver-sem-limite-brasilia-df-26min51s)(26min51s) da Presidenta Dilma

Salvar

# 18-11-2011 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, por ocasião da cerimônia de anúncio de investimentos do PAC Mobilidade Grandes Cidades

**Presidenta Dilma Rousseff anuncia R\$ 1,6 bilhão para construção da linha 2 do metrô de Salvador**

**Salvador-BA, 18 de novembro de 2011**

Eu queria, primeiro, saudar o nosso governador da Bahia, o meu querido amigo, companheiro – e eu sempre lembro e falo para ele dos corredores do Planalto, nós sempre nos encontramos, durante todo o período do governo Lula, quando o Governador foi ministro junto comigo. Então, é um prazer, sempre, estar aqui.

E também pelo calor do povo baiano e pela minha compreensão, também, da importância que, dentro da Federação, nós devemos atribuir ao estado da Bahia. Então, estou muito feliz de estar aqui hoje, Jaques Wagner.

Queria cumprimentar também os ministros que me acompanham: o ministro Mário Negromonte, das Cidades; o ministro Antonio Patriota, das Relações Exteriores e a ministra Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social.

Queria cumprimentar e também destacar a grande amizade que eu dedico ao vice-governador da Bahia, Otto Alencar,

Queria cumprimentar o presidente da Assembleia Legislativa, Marcelo Nilo,

Queria cumprimentar a nossa senadora Lídice da Mata,

Os senhores deputados federais aqui presentes: Alice Portugal, Amauri Teixeira, Antonio Brito, Daniel Almeida, Luiz Alberto, Luiz Argolo, Marcos Medrado, Nelson Pellegrino, Paulo Magalhães, Roberto Britto, Rui Costa, Valmir Assunção – engraçado, Zezé, você não está aqui na lista. Pois é, mas é deputado também.

Prefeito de Salvador, senhor João Henrique Barradas Carneiro,

A senhora... agora, como disse o governador Wagner, de fato vice-ministra, é o cargo que internacionalmente o secretário-executivo, o equivalente a secretário-executivo no Brasil, ele é um vice-ministro. Então, a Eva Chiavon que para nós é muito importante que tenha aceito ser secretária-executiva do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Acho que a Eva vai continuar dando toda colaboração ao governo da Bahia e também a todo o Brasil.

Também queria cumprimentar o secretário estadual de Desenvolvimento Urbano, Cícero Monteiro,

Queria cumprimentar o vice-prefeito de Salvador, o professor Edvaldo Brito,

O presidente da Câmara Municipal de Salvador, vereador Pedro Godinho,

As senhoras e os senhores deputados estaduais aqui presentes,

O senhor João Leão, secretário municipal e chefe da Casa Civil,

Queria cumprimentar também todos os profissionais jornalistas, cinegrafistas e fotógrafos,

Meus queridos amigos e amigas aqui presentes,

Nós lançamos o PAC Mobilidade das Grandes Cidades para definir um conjunto de obras fundamentais para o Brasil, e obras que terão uma característica: elas vão fazer diferença na vida das populações das grandes cidades.

Sem sombra de dúvida, não era possível fazer um PAC das Grandes Cidades sem colocar o foco em Salvador. Porque Salvador, de fato, hoje, é uma das grandes concentrações populacionais do Brasil. E, para se fazer isso, é necessário que haja uma parceria entre o governo federal, o governo do estado e a prefeitura – ou as prefeituras, se a questão é a região metropolitana.

E para que nós possamos dar soluções urbanas para problemas que afetam diariamente a vida da população, que é a permanência, durante muito tempo, no trânsito das grandes cidades. E aí, eu queria dizer para vocês que, para nós, é importante um transporte de qualidade, seguro e eficiente.

O Brasil, na década de 80, considerava que o metrô não era para nós, e não era para nós porque metrô era para cidade rica; o metrô era visto como sendo um privilégio, que nós não tínhamos renda, ou nós considerávamos que o investimento em metrô era muito caro. E, portanto, houve uma proliferação de alternativas que não resolveram o problema, quando se trata de grandes concentrações populacionais. E é uma visão que nós não podemos continuar compartilhando. O governo considera que fazer metrôs é algo que, inexoravelmente, é uma alternativa urbana para grandes cidades brasileiras. E nós sabemos que tem algumas cidades que avançaram muito nesse sentido, e outras não.

Então, essa fase do PAC Grandes Cidades contempla, fundamentalmente, aquelas regiões do Brasil com grandes concentrações populacionais, que necessitam de grandes recursos financeiros para financiar o investimento. E não dá para a gente supor que é possível só ou a prefeitura, ou só o estado, ou só a União; porque se trata de fazer uma parceria federativa e republicana entre as três esferas e, assim, poder garantir que a população tenha uma qualidade de vida melhor.

Aqui em Salvador, os dados que eu tenho é que é uma cidade com uma frota de cerca de 680 mil veículos, onde vivem 2,7 milhões de pessoas, com um imenso fluxo urbano dessas pessoas e desses veículos, que resulta diariamente em congestionamento – e eu estou falando aqui também de tempo excessivo de deslocamento para o trabalho ou para casa. Por isso, essa é a razão pela qual nós definimos como prioritário o investimento aqui em Salvador. Essa é uma questão que diz respeito a toda a população soteropolitana, a população baiana que transita aqui e a população brasileira, que tem de ter um país em que as grandes cidades tenham condições de vida adequadas a um padrão que não é aquele da década de 80 – o da crise da dívida soberana brasileira, essa crise da dívida que os europeus hoje estão passando e que nós superamos 20 anos atrás, em um processo duro de duas décadas perdidas. Portanto, são fundamentais investimentos dessa qualidade aqui na cidade de Salvador.

E por isso eu estou aqui fazendo uma parceria. Eu já fiz parcerias, e vou continuar fazendo com a Prefeitura. Essa de hoje é uma parceria entre o governo federal e o governo do estado,

e é um passo decisivo para que a gente mude a situação...

Não estou dizendo que resolveremos todos os problemas; estou dizendo que nós daremos passos decisivos para melhorar a qualidade do transporte público, algo essencial para um país que quer ser de classe média. Se nós tiramos 40 milhões da miséria, e se nós conseguimos elevar milhões e milhões às classes médias, e vamos continuar nesse processo, é fundamental que a qualidade do transporte urbano seja de fato a qualidade que a gente vê nos países e nas cidades desenvolvidas. Daí porque nós anunciamos hoje o nosso apoio decisivo à construção da linha 2 do metrô. O governo federal vai investir, do seu orçamento, R\$ 1 bilhão; e vai financiar aí, com recursos pagos pelo Tesouro do governo do estado, nós financiaremos e o governo do estado participa com esse financiamento da ordem de R\$ 600 milhões. Isso é essencial para que a gente possa fazer com que da Estação do Bonocô até o aeroporto, nós tenhamos um tráfego mais rápido. Eu mesma já participei de um grande congestionamento, num determinado momento aí, no passado, em que eu percebi que num trecho como esse, que tem em torno de 15 bairros, nós estaremos garantindo um fluxo muito mais rápido, muito mais eficiente e de melhor qualidade. E por isso eu acredito que o nosso querido governador Jaques Wagner dá um grande passo ao apresentar esse projeto, ao lutar por esse projeto e garantir que nós tenhamos essa engenharia financeira.

Eu quero dizer para vocês que no passado não era usual esta relação. Mas, a partir do governo do presidente Lula, nós estabelecemos e percebemos que para o país crescer é fundamental que se faça parcerias, não só entre os entes federativos mas no setor privado. Nesse caso, pelo que eu saiba, o modelo também conta com uma parceria com o setor privado.

Então, por todas essas razões, é muito importante este momento, porque nós estamos, aqui, dando um passo decisivo numa obra que é estruturante para o país.

E hoje nós estamos vivendo um momento em que nós percebemos que os países desenvolvidos passam por uma grave crise, uma crise cuja característica maior é o fato dela levar sistematicamente a um processo recessivo, nesses países desenvolvidos que não contam com perspectivas de crescimento econômico, pelo contrário, contam com perspectivas de recessão, desemprego e perdas de direitos sociais.

Não é isso que se passa no nosso país. No nosso país nós temos todas as condições de enfrentar essa situação, e uma das condições de enfrentar essa situação nós estamos fazendo aqui, que é ampliar o investimento: ampliar o investimento em infraestrutura, ampliar o investimento na melhoria das condições de vida da população.

E aí eu queria também destacar a importância desses investimentos que o Governador relatou, porque são eles que, junto com os investimentos públicos, formarão aquilo que eu chamo de “a maior blindagem contra a crise econômica”, que é continuar o governo federal, o governo estadual e os municípios investindo; os empresários investindo; nós vamos continuar fazendo política social, nós vamos continuar ampliando todas as políticas sociais neste país.

E aí, eu me orgulho muito de uma política social que nós lançamos ontem, que é o Viver sem Limite. Porque o Viver sem Limite, ele é mais um passo no nosso projeto de desenvolvimento com a inclusão social. Por quê? Porque tem 45 milhões de brasileiros que têm alguma forma de deficiência – esses 45 milhões são dados do Censo. E o que nós estamos fazendo é um dos maiores programas de apoio, de sustentação da pessoa com deficiência. Percebendo que isso não é só um imperativo moral, mas é o fato de que este país precisa da realização ou do potencial de cada um dos brasileiros e das brasileiras. E nós sabemos que a pessoa com deficiência, ela pode viver com autonomia – portanto, viver sem limites – desde que nós sejamos capazes de eliminar as barreiras sociais que se colocam diante delas.

Daí porque nós queremos garantir escola para todas as crianças com deficiência – escolas especializadas e escolas normais; nós queremos garantir também o acesso dessas crianças através de transporte adequado; nós iremos garantir também acesso especializado à Saúde; e iremos também garantir, através de todo um processo de investimento social do governo federal, que essas pessoas tenham também acesso a equipamentos e a tecnologias que melhorem as condições de sua autonomia e de sua qualidade de vida – por exemplo, acesso a instrumentos de leitura em braile; vamos, inclusive, estimular que as nossas universidades pesquisem alternativas tecnológicas para isso; vamos assegurar acesso a vários tipos de próteses e órteses para essas pessoas que têm algum tipo de deficiência física. Enfim, vamos ter também na nossa pauta uma questão principal, que é ter certeza de que talvez a coisa mais importante em relação à pessoa com deficiência e a gente acabar com o preconceito, porque essas barreiras ligadas à acessibilidade, elas são facilmente superáveis, agora, a barreira do preconceito é limitante, do ponto de vista moral, ético e físico.

Então, para mim foi muito importante o momento especial, eu acho, para o país, nós termos a maturidade, como país, de chegar ao ponto, porque não é um projeto que nós criamos, nós estruturamos com as APAEs, com as associações das pessoas com tipos variados de deficiência, estruturamos esse Programa, ouvindo a sociedade civil.

E quero também dizer que eu acho que é um passo importantíssimo na democracia brasileira, nós termos sido hoje capazes... e agradeço ao Congresso Nacional, aos senhores deputados federais e deputadas, e aos senhores senadores, que votaram duas leis: a Lei de Acesso à Informação e a lei que cria e institui a Comissão da Verdade. Essas duas leis são um passo importante na democracia, tanto porque garantem para o cidadão acesso a toda e qualquer informação, como, fazendo uma ligação entre uma lei e outra, proíbe que todas as questões relativas a direitos humanos possam ser objeto de sigilo. Antes, a lei era Sigilo da Informação, agora mudou, agora a lei é de Acesso à Informação.

E a relação entre as duas coisas se dá pelo fato de que nós somos um país que precisa conhecer a sua história, ter a sua memória e ter acesso à verdade. E eu acredito que na questão da verdade nós temos de ter, e chegamos ao momento em que o Brasil se encontra consigo mesmo, igual eu disse hoje de manhã. E a gente encontra consigo mesmo porque nós nos encontramos sem revanchismo, porque o revanchismo não é uma forma de encontro. Então, encontramos sem revanchismo, mas, também, sem o silêncio comprometedor da cumplicidade, sem as duas coisas.

E eu volto aqui e digo, mais uma vez, o seguinte: nós já fizemos esse lançamento do metrô em três outras capitais brasileiras, com Salvador nós completamos a quarta cidade, e teremos mais uma quinta cidade. Serão cinco as cidades que terão esse processo agora; as demais cidades, ou elas já têm metrô, ou elas estão naquela fase do PAC 1 que tem financiamento de metrô, similarmente a aqui, que tem financiamento na linha 1, ou terão VLT, PRT e outras... ou monotrilha, enfim.

Mas eu acredito que o Brasil tem de dar – esse é um passo – eu acredito que o Brasil tem de investir nas suas cidades. Acima de um certo número de população – nós estamos trabalhando algo como acima de um milhão de habitantes – nós temos de apostar em metrôs. Damos agora o primeiro passo para grandes cidades – Salvador tem 2,7 milhões – e iremos, na sequência, utilizar uma parte do dinheiro do orçamento da União para financiar mobilidade urbana.

Eu acho que isso é uma grande novidade na política do governo federal, que no passado – eu acredito que não é uma questão só de crítica, mas é uma questão de reconhecer a perda da capacidade de investimento do país nos anos anteriores ao governo do presidente Lula – houve uma perda de capacidade de investimento, e portanto não se investia – não se investia

em saneamento, não se investia em transporte urbano – e jamais se pensou, por exemplo, em um programa como o Minha Casa, Minha Vida. A partir do governo do presidente Lula e, acredito eu, que eu terei maior capacidade ainda de investimento, pelas condições que eu herdei, eu acredito que se torna importante para o país esse passo à frente. Porque nós podemos e seremos a sexta economia do mundo, nós podemos chegar a ser a quinta economia do mundo, nós podemos chegar a ser o lugar que for mais perto do primeiro.

Agora, para nós, o que nós devemos perseguir mesmo é um país que tenha uma qualidade de vida para a sua população que lhe dê um padrão de classe média. O país que eu quero é o país que tenha esse padrão para todos os brasileiros, esse padrão, diríamos assim, mínimo. É para isso que nós trabalhamos e é para isso que nós lutamos, e é para isso que nós fazemos hoje essa parceria com o governador Jaques Wagner, com quem eu tenho a honra de ter sempre convivido.

Obrigada a vocês.

Ouçã a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-anuncio-de-investimentos-do-pac-mobilidade-grandes-cidades-salvador-ba-22min30s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-anuncio-de-investimentos-do-pac-mobilidade-grandes-cidades-salvador-ba-22min30s) (22min30s) da Presidenta Dilma

Salvar

# **18-11-2011 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de sanção do projeto de Lei que garante o acesso a informações públicas e do projeto de Lei que cria a Comissão Nacional da Verdade**

**Presidenta Dilma fala sobre a relevância da criação das duas Leis para o país**

**Palácio do Planalto, 18 de novembro de 2011**

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores ministros de Estado aqui presentes. Cumprimentando a ministra Gleisi Hoffmann, da Casa Civil; o ministro José Eduardo Cardozo, da Justiça; o ministro da Defesa, embaixador Celso Amorim; a ministra Maria do Rosário, dos Direitos Humanos; saúdo a todos os ministros aqui presentes.

Queria cumprimentar também os senhores comandantes das Forças Armadas: Julio Soares de Moura Neto, da Marinha; Enzo Martins Peri, do Exército; Juniti Saito, da Aeronáutica; José Carlos De Nardi, chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas,

Queria cumprimentar os senhores senadores Pedro Simon e Pedro Taques, aqui presentes,

Cumprimentar as senhoras e os senhores deputados federais aqui presentes: Reginaldo Lopes, Dalva Figueiredo, Luciana Santos, Érika Kokay, Edinho Araújo, Marina Santanna, Emiliano José, Alessandro Molon, Luiz Couto, Romanna Remor, Valmir Assunção e José de Filippi,

Queria cumprimentar o ex-ministro da Comunicação Social Franklin Martins,

Os senhores ex-ministros da Secretaria de Direitos Humanos Mário Mamede, Nilmário Miranda,

Queria cumprimentar também o ex-ministro Paulo Vannuchi,

Cumprimentar o presidente da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, o Marco Antônio Rodrigues Barbosa,

Cumprimentar o ministro José Paulo Sepúlveda Pertence, presidente do Conselho de Ética da Presidência da República,

Cumprimentar também o secretário de Direitos Humanos da Argentina, senhor Eduardo Duhalde, por meio de quem cumprimento as autoridades estrangeiras aqui presentes,

Cumprimentar as senhoras e os senhores que comparecem a este ato,

Os senhores jornalistas, cinegrafistas e fotógrafos,

Senhoras e senhores,

Este 18 de novembro de 2011 é uma data histórica para o Brasil. É o dia em que comemoramos – e partir de agora iremos comemorar – a transparência e celebrar a verdade. Por isso, é grande meu orgulho ao sancionar essas duas leis.

Essas duas leis foram elaboradas durante o governo do presidente Lula, e aqui eu queria destacar a contribuição do ex-ministro Franklin Martins para as duas leis. Eu sou testemunha da incansável determinação do ex-ministro Franklin em relação a todos os desafios e dificuldades que era elaborar, conceber e construir através de um processo que, necessariamente, passava pelo acordo entre diferentes posições.

Por isso, ao saudar o ex-ministro Franklin Martins, eu dou meu testemunho da sua importância para que nós tivéssemos chegado ao ponto em que chegamos.

Queria também destacar a contribuição do ex-ministro Jobim e do ex-ministro Paulo Vannuchi. Cada um, olhando do ponto de vista do seu ministério, soube contribuir para que fosse possível a elaboração dessas duas peças que hoje se transformam em lei.

Queria também agradecer aos ministros do meu governo que cuidaram e que acompanharam juntamente. Quero agradecer aos senhores deputados e senadores que conseguiram, através de um processo que é, de fato, uma demonstração da maturidade da democracia brasileira, produzir essas duas peças legais.

Essas duas leis tratam de assuntos distintos, mas estão diretamente ligadas uma à outra. São leis que representam um grande avanço institucional e um passo decisivo na consolidação da democracia brasileira. Leis que tornam o Estado brasileiro mais transparente e garantem o acesso à informação e, ao mesmo tempo, o direito à memória e à verdade e, portanto, ao pleno exercício da cidadania.

Ao longo da história do Brasil, alguns marcos civilizatórios são muito importantes, e eu me refiro, por exemplo, à criação das leis trabalhistas, em [19]43, e à promulgação da Constituição de [19]88, dando dois exemplos de momentos em que a democracia brasileira avançou, juntamente com o direito social.

Acredito que, também, a entrada em vigor da lei do acesso à informação e da lei que constitui e cria a Comissão da Verdade são momentos especiais, que ficarão para sempre marcados na história do Brasil, e que colocam o nosso país num patamar superior, um patamar de subordinação do Estado aos direitos humanos.

Com a vigência dessas duas leis, o cidadão ganha mais poder perante o Estado, mais poder de controle e de fiscalização, o que reverte em benefício para toda a sociedade e no fortalecimento da cidadania.

Vejam a diferença: o Brasil tinha uma lei de sigilo, que impedia que uma parte das informações do Estado se tornasse pública. A partir de hoje, o que era lei de sigilo se transforma em lei de direito ao acesso à informação, e isso é uma transformação muito significativa para a construção do Estado de direito no sentido mais amplo da palavra.

A informação pública torna-se aberta. Em todas as suas instâncias o poder público torna-se mais transparente, e me refiro a todos os Poderes: ao Executivo, ao Legislativo, ao Judiciário, nos níveis federal, estadual e municipal.

A Lei de Acesso à Informação corresponde plenamente ao nosso compromisso com a transparência de todos os órgãos públicos. Garante o acesso à história do país e reforça o exercício cotidiano da fiscalização do Estado.

Todos os brasileiros, sem exceção, poderão consultar documentos e informações produzidos pela Administração Pública. Em seis meses, cada órgão público terá que publicar, em página

na internet, informações completas sobre sua atuação, suas decisões, sua gestão orçamentária. As informações terão que ser oferecidas ao público de forma clara, em linguagem simples e direta, com o apoio de ferramentas de busca e pesquisa.

Quero, também, destacar uma grande conquista que a nova Lei de Acesso à Informação Pública nos proporciona. Nenhum ato ou documento que atente contra os direitos humanos pode ser colocado sob sigilo de espécie alguma. O sigilo não oferecerá, nunca mais, guarida ao desrespeito aos direitos humanos no Brasil.

Esta é uma importante conexão, uma conexão decisiva com a lei que cria a Comissão da Verdade. Uma não existe sem a outra, uma é pré-requisito para a outra, e isso lançará luzes sobre períodos da nossa história que a sociedade precisa e deve conhecer. São momentos difíceis que foram contados até hoje, ou, melhor dizendo, foram contados durante os acontecimentos sob um regime de censura, arbítrio e repressão, quando a própria liberdade de pensamento era proibida.

É fundamental que a população, sobretudo os jovens e as gerações futuras, conheçam nosso passado, principalmente o passado recente, quando muitas pessoas foram presas, foram torturadas e foram mortas. A verdade sobre nosso passado é fundamental para que aqueles fatos que mancharam nossa história nunca mais voltem a acontecer.

O conhecimento, a informação e a verdade são, nós todos sabemos, indispensáveis para o exercício pleno da cidadania. O silêncio e o esquecimento são sempre uma grande ameaça. Aliás, há mais de dois mil anos um filósofo disse: “A verdade se corrompe tanto com a mentira quanto com o silêncio”. Nós não podemos deixar que, no Brasil, a verdade se corrompa com o silêncio.

Depois de passarem por períodos ditatoriais, vários países da América Latina tiveram suas comissões da verdade com nomes diferentes, com formas de atuação distintas. Houve experiências no Chile, na Argentina, no Peru, na África do Sul. Cada país fez do seu jeito e fez a seu tempo, segundo as suas próprias circunstâncias e sua própria história. O Brasil está fazendo agora. Este é o nosso momento histórico, esta é a nossa hora.

A Comissão da Verdade tem grande significado para o Brasil e para os brasileiros. O Congresso Nacional reconheceu isso, pois o projeto que hoje sancionamos foi apoiado por todos os partidos políticos com representação no Legislativo federal. Este apoio suprapartidário mostra que a Comissão significa, fundamentalmente, uma manifestação de respeito e um tributo aos que lutaram pela democracia no Brasil em qualquer época. Sobretudo, é uma homenagem aos que lutaram pela democracia nos anos de arbítrio.

Mas, a verdade interessa, com eu disse, muito, às novas gerações que tiveram a oportunidade de nascer e viver sob regime democrático. Interessa, sobretudo, aos jovens que hoje têm o direito à liberdade e devem saber que essa liberdade é preciosa e que, muitos, por ela lutaram e pereceram. As gerações brasileiras se encontram hoje em torno da verdade. O Brasil inteiro se encontra, enfim, consigo mesmo sem revanchismo, mas sem a cumplicidade do silêncio.

Um país vitorioso de um povo vitorioso que tem hoje o privilégio de viver em sólida democracia. Sólida democracia que foi construída por muitos que lutaram, muitos que resistiram, muitos que buscaram construir a democracia. A Lei do Acesso a Informações Públicas e a Lei que institui a Comissão da Verdade se somam ao esforço e dedicação de gerações de brasileiros e de brasileiras que lutaram e lutarão para fazer do Brasil um país melhor, mais justo, menos desigual; por gerações de brasileiros que morreram e que, hoje, nós homenageamos, não com processos de vingança, mas através do processo de construção da verdade e da memória. Um país melhor, mais justo, menos desigual e,

principalmente, um país mais democrático.

Muito obrigada a todos.

Ouçã a íntegra do discurso (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-sancao-do-projeto-de-lei-que-garante-o-acesso-a-informacoes-publicas-e-do-projeto-de-lei-que-cria-a-comissao-nacional-da-verdade-brasilia-df-15min45s>) (15min45s) da Presidenta Dilma

Salvar

# **19-11-2011 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na abertura da reunião de chefes de Estado e de Governo do Encontro Iberoamericano de Alto Nível em Comemoração do Ano Internacional dos Afrodescendentes**

**O Encontro buscará dar maior visibilidade às contribuições sociais, culturais, políticas e econômicas dos afrodescendentes aos países da América Latina e do Caribe**

**Salvador-BA, 19 de novembro de 2011**

Muito bom dia a todos.

Eu queria aqui cumprimentar o presidente de Cabo Verde, Jorge Carlos Fonseca,

O presidente da República da Guiné, Alpha Condé,

O presidente da República Oriental do Uruguai, José Mujica,

O vice-presidente da Colômbia, Angelino Garzón,

Queria cumprimentar também todos os chefes de delegação aqui presentes,

Queria cumprimentar o secretário-geral iberoamericano, Enrique Iglesias,

Cumprimentar cada um dos senhores e das senhoras que comparecem a este Encontro Iberoamericano de Alto Nível em Comemoração do Ano Internacional dos Afrodescendentes.

Sem sombra de dúvida, nossos países são países – e eu aqui queria falar pelo Brasil – que têm uma participação muito forte dos afrodescendentes na formação da nossa nacionalidade.

O último Censo, no Brasil, indica que mais de 50% da nossa população se considera afrodescendente. Isso é muito importante porque acredito que somos, em termos de país, um dos mais populosos com povos que vieram da África, e, sem sombra de dúvida, na nossa cultura, na nossa visão de mundo, na nossa forma de viver e de fazer todas as atividades temos um componente muito forte que trazemos na formação da própria nacionalidade brasileira. Este Encontro, portanto, é um encontro, para nós, muito importante porque nele nós nos encontramos também um pouco com nós mesmos.

Queria dizer que nós queremos fazer uma reunião muito produtiva. Para tanto, inicialmente teremos os pronunciamentos das autoridades aqui presentes, do governador da Bahia, Jaques Wagner, do prefeito de Salvador e de outras autoridades. Em seguida, vamos ter os

relatórios do Fórum da Sociedade e depois o relatório das mesas-redondas. E, para finalizar, os chefes de delegação e chefes de Estado aqui presentes terão... farão uso da palavra.

Portanto, eu desejo a todos um bom Encontro e agradeço a presença de cada um dos representantes da América Latina, alguns dos representantes aqui presentes, dos países da África, e, sobretudo, de nossos países que têm na tradição que afrodescendentes trouxeram para cada uma de nossas nações a sua contribuição, temos, portanto, esta relação que tem de ser cada vez mais forte porque significa que nós estamos olhando para uma das raízes mais importantes da formação de nossas culturas.

Agradeço a todos, mais uma vez, a presença, e dou por aberta esta sessão.

Muito obrigada a todos.

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-abertura-da-reuniao-de-chefes-de-estado-e-de-governo-para-o-encontro-iberoamericano-de-alto-nivel-em-comemoracao-do-ano-internacional-dos-afrodescendentes-salvador-ba-04min18s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-abertura-da-reuniao-de-chefes-de-estado-e-de-governo-para-o-encontro-iberoamericano-de-alto-nivel-em-comemoracao-do-ano-internacional-dos-afrodescendentes-salvador-ba-04min18s>) (04min18s) da Presidenta Dilma

Salvar

# **19-11-2011 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, no encerramento da reunião de chefes de Estado e de Governo do Encontro Iberoamericano de Alto Nível em Comemoração do Ano Internacional dos Afrodescendentes**

**Presidenta Dilma discursa no encerramento do Encontro em comemoração do Ano Internacional dos Afrodescendentes**

**Salvador-BA, 19 de novembro de 2011**

Excelentíssimo senhor presidente José Carlos Fonseca, de Cabo Verde,

Excelentíssimo senhor presidente Alpha Condé, da Guiné,

E excelentíssimo senhor presidente José Mujica, do Uruguai,

Senhor vice-presidente da Colômbia, Angelino Garzón,

Senhor Enrique Iglesias, secretário-geral iberoamericano,

Senhores chefes de delegação, aqui presentes, especialmente senhoras e senhores ministros da Cultura de Angola, Benin, Cuba, Peru,

Senhor senador Eddy Vásquez, da República Dominicana,

Senhora presidenta executiva do Instituto Nacional das Mulheres de Costa Rica,

Queria cumprimentar também a senhora ministra da Secretaria de Promoção Racial do Brasil, Luiza Bairros,

E o senhor ex-ministro da Cultura, Juca Ferreira, agora secretário-geral da Iberoamericana,

Queria também dirigir um cumprimento especial a toda a delegação dos países que aqui comparecem para este evento,

Queria mencionar também o senhor Nick Fabianski, diretor-geral do PNUD, e a senhora Epsy Alessandra Campbell Barr, co-presidenta da Comissão Nacional afro-costariquenha, que também fizeram uso da palavra neste evento,

Senhoras e senhores,

O Brasil se sente muito honrado de sediar o Encontro Iberoamericano de Alto Nível em comemoração ao Ano Internacional dos Afrodescendentes. Nossa reunião, como muito bem disse o Presidente da República de Cabo Verde, se realiza no mesmo ano da morte de um

grande líder negro brasileiro: o escritor, jornalista, dramaturgo, ator e parlamentar Abdias do Nascimento. A ele rendo minhas sinceras homenagens.

A escolha da data e do lugar de nosso encontro é muito especial. Amanhã, 20 de novembro, é o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra em homenagem ao grande herói brasileiro do Quilombo dos Palmares, líder do primeiro grande movimento contra a escravidão.

O Brasil faz 123 anos de fim institucional da escravidão. Uma das coisas que nós temos de afirmar é que a escravidão também, ela finalizou pela luta de milhares e milhares de escravos e escravas negras que se rebelaram contra o domínio existente no Brasil, e aqui em Salvador, e aqui na Bahia, era um local conhecido como o local onde se gestaram as grandes rebeliões e essas rebeliões se espalharam pelo Brasil.

Nós, ao longo dos 123 anos após o fim institucional da escravidão, nós sofremos as consequências dramáticas que a escravidão causa num país, causa numa nação. Uma das questões essenciais de que nós tivemos de nos libertar ao longo desses anos... ou melhor, sintetizando tudo aquilo que nós tivemos de lutar contra e modificar até hoje, eu podia dizer a vocês que, do ponto de vista da ação das ideias, na sua relação com a sociedade e a economia, nós tivemos de criticar a sistemática de valorização do trabalho característica da escravidão no Brasil.

Como o trabalho manual era um trabalho escravo, ele foi sistematicamente desvalorizado. Daí para se desvalorizar qualquer trabalho, foi uma das características da sociedade colonial, da República Velha e de todo o processo no Brasil.

Mas eu acredito que talvez a mais marcante característica tenha sido a invisibilidade dos pobres e dos miseráveis no Brasil, e a visão de que era possível o país crescer e se desenvolver sem incluir, sem distribuir renda, sem elevar o conjunto da sua população à condição de pleno cidadão consumidor, trabalhador e empresário.

Essa foi a característica mais dramática da herança que a escravidão impôs ao Brasil, e acredito que, de fato, uma das maiores contribuições do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao processo de transformação do Brasil tenha sido a afirmação de que só era possível, de fato, um verdadeiro desenvolvimento se nós também nos dispuséssemos a incluir, a distribuir renda e a fazer desse processo de crescimento econômico um processo de revolução social.

Daí por que eu considero um marco importante e um lema do meu governo ter de afirmar talvez o que pareça ser uma tautologia: “País rico é país sem pobreza”. Mas não é uma tautologia. É, justamente, a ruptura com essa concepção de que é possível um país, da dimensão do Brasil, da população brasileira, ser um país para poucos, um país que tivesse uma elite que dominava toda sua riqueza e que dela se apropriava.

Essa ruptura foi um processo muito importante, e acredito que isso tem impacto na visão que nós temos também de outra herança, que é a boa herança. É o fato de que milhões e milhões de populações negras, nesse fluxo, construíram a nossa nacionalidade e deram à nossa nacionalidade as suas características, junto com os indígenas e as populações de origem europeia.

Mas o Brasil é também um país que congrega uma grande população amarela. Nós, talvez, sejamos o país com maior número de asiáticos, principalmente japoneses fora do Japão.

Acredito que, talvez, junto com a nossa biodiversidade, a nossa característica de biodiversidade cultural, de diversidade de várias fontes seja uma das maiores riquezas do Brasil, e eu acho que nós, de fato, estamos aqui num encontro entre dois continentes – a América Latina e o Caribe, de um lado, e a África de outro –, e essa diversidade racial e

cultural nos une, nos define e nos enriquece. É uma de nossas grandes contribuições para o mundo de hoje, especialmente num momento em que vemos ressurgir os particularismos, a xenofobia e os preconceitos radicais contra imigrantes.

A América Latina e o Caribe possuem a maior população afrodescendente do mundo. Somos muito mais de 150 milhões de homens e de mulheres, e o Brasil se orgulha de ser a segunda maior população negra do mundo, enquanto país, depois da Nigéria.

O Censo nacional brasileiro oficializou, em 2010 – no ano passado –, pela primeira vez, aquilo que já era evidente, mas que não constava dos registros: mais da metade do povo brasileiro declara-se negro, reconhece-se como negro, considera que é possível ser negro.

Esses dois fatos são muito importantes, mas, a despeito dos importantes avanços alcançados em prol da igualdade racial, nós sabemos – todos nós – que a discriminação persiste em nossa sociedade. Os afrodescendentes ainda são os que mais sofrem com o desemprego, a extrema pobreza e a violência, que tem vitimado tantos jovens nas nossas periferias urbanas.

Reverter esse quadro é o objetivo maior da Declaração de Salvador, que hoje aprovamos. Ela expressa nossa visão de que o reconhecimento da contribuição dos afrodescendentes deve, necessariamente, ser acompanhado de políticas públicas de promoção da igualdade.

A ação do Estado brasileiro nessa área tem, como referência, a própria Constituição, que define o racismo como crime inafiançável e imprescritível, e estipula o dever do Estado de proteger as manifestações da cultura afro-brasileira, reconhecida como elemento constitutivo da nação.

A criação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, em 2003, e a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial, em 2010, incorporaram os mandamentos constitucionais nas políticas públicas concretas. Para nós, a educação é central no combate à discriminação racial. Por isso, hoje o ensino de história e cultura afro-brasileiras é obrigatório no Brasil. Além disso, estamos convencidos de que os programas de ação afirmativa representam necessária compensação pelos prejuízos históricos impostos aos afrodescendentes e às outras populações discriminadas.

A perspectiva da igualdade racial, ela está presente também nas políticas de saúde, cultura, juventude e em ações específicas para as comunidades quilombolas. Reconhecemos seus direitos à propriedade das regiões nas quais se instalaram ao longo da história da escravidão.

O combate à pobreza, a geração de emprego e a proteção da saúde materno-infantil também são importantes fatores de inclusão social dos afrodescendentes, até porque, no Brasil, a pobreza tem sua parte negra e feminina, e, muitas vezes, infantil. E resgatar essas populações é o objetivo central do meu governo, em continuidade do governo do presidente Lula.

Daí por que o nosso programa Brasil sem Miséria tem, hoje, um foco que é superar a extrema pobreza. São 16 milhões de brasileiros que nós temos o compromisso de buscá-los e retirá-los da pobreza. Não são mais as populações correndo atrás do Estado para o Estado tomar providências. Nós queremos inverter essa trajetória. É o Estado correndo atrás dos negros e negras do país, dos brancos e brancas do Brasil que vivem... dos índios e populações indígenas que vivem em extrema pobreza. Essa, eu acho que é a alteração maior que nós conseguimos fazer nesses últimos tempos.

Por isso, senhoras e senhores, as políticas do governo brasileiro para a população afrodescendente, elas expressam nosso compromisso com a declaração e o plano de ação da Conferência Mundial contra o Racismo, a Conferência de Durban, que completa uma década.

Também consideramos essencial e contribuimos para a aprovação pelo Conselho de Direitos Humanos da ONU, da resolução que estabelece a incompatibilidade entre democracia e racismo. Nesse processo, os países africanos são parceiros fundamentais e esse é o espírito da Cúpula América do Sul-África.

Essa é a mensagem que venho levando nas recentes visitas que fiz à África do Sul, Moçambique e Angola, quando pude reafirmar o lugar central do continente africano na política externa brasileira.

Aliás, a política externa brasileira sofreu uma grande inflexão nos últimos anos. Nós, que vivíamos de costas para a América Latina e para a África, temos, nesses dois continentes, a prioridade. América Latina porque nós temos essa vizinhança, e uma vizinhança muito importante porque somos países que sempre sofreram as mesmas mazelas. Estivemos todos em processo de estagnação e de recessão durante longas décadas, e todos nós temos hoje a firme determinação no sentido de levar à frente esse processo de crescimento econômico e de desenvolvimento por que a América Latina passa.

Somos hoje um dos continentes que mais cresce, mesmo considerando que a crise econômica – que não é da nossa responsabilidade e que se desencadeou a partir de 2008, uma crise que é, sobretudo, uma crise do descontrole dos bancos e das relações financeiras internacionais – pode ter algum efeito sobre nós. Mas eu acredito que todas as políticas de desenvolvimento que se dão na América do Sul e no Caribe, no sentido de desenvolver seus próprios mercados, tem sido uma barreira contra isso.

Temos também um interesse especial em estabelecer nossas relações com o que a Ministra de Angola muito bem chamou de “o continente-berço”. No caso do Brasil, berço por vários sentidos. Berço porque é o continente onde a humanidade surgiu, mas continente-berço também porque aqui... aliás, na África está uma das raízes da nação brasileira.

Eu sinto especial alegria, portanto, em ter conosco aqui o presidente do Uruguai – da República do Uruguai – representando, com muita competência, a nossa América Latina que quer, sobretudo, se integrar e criar um espaço comum de desenvolvimento, meu querido companheiro Pepe Mujica, presidente Pepe Mujica. Também o presidente de Cabo Verde, Jorge Fonseca, e da Guiné, Alpha Condé.

Saúdo, igualmente todos os alto representantes dos demais países presentes, e queria dirigir uma saudação especial ao representante do Haiti, berço da luta pela libertação dos povos afrodescendentes da América Latina.

Nossa ação conjunta também se estende, eu acredito, ao enfrentamento da crise econômica. Eu manifestei, na reunião do grupo do G-20, em Cannes, a preocupação do Brasil com o risco de instabilidade que essa crise, tanto na Eurozona como nos Estados Unidos, tem sobre nossos países porque pode prejudicar nossas conquistas sociais e agravar as desigualdades sociais e raciais em todo o mundo, não só aqui.

Aliás, o que nós temos visto é – pelo menos do ponto de vista da América Latina – uma espécie de repetição das nossas duas décadas perdidas, em que a recessão é imposta como uma saída para a crise. Nós ficamos 20 anos, no Brasil, em... aceitando ou, de uma certa forma... eu diria que, de uma certa triste forma, aceitando que as conquistas sociais fossem paralisadas pela necessidade de reciclagem das dívidas soberanas da América Latina.

Nós sabemos que esse processo não dá certo. Ele leva à recessão, ao desemprego, a perdas de direitos, mas ele não tira os países da crise. Para se sair da crise, só se sai de um jeito. Se sai, obviamente, adotando práticas corretas, práticas que não impliquem em desperdício dos recursos públicos, que impliquem em disciplina, mas combinadas com

políticas de investimento, de expansão do consumo e de inclusão social. E é essa a experiência que eu acredito que nós podemos hoje compartilhar.

Todos nós, da América Latina, temos uma longa prática em relação ao Fundo Monetário Internacional, e não é uma boa experiência. Nós tivemos a possibilidade de crescer pelos nossos pés quando conseguimos pagar o Fundo Monetário e, de fato, não ter mais de aceitar as proposições do Fundo Monetário. Mas, eu acho que cada país é um país, cada processo é um processo, cada tempo histórico é um tempo histórico. Nós levamos 20 anos. Espero que os outros países levem muito menos tempo do que nós.

Eu queria dizer para vocês, finalmente, que nós temos consciência de que o racismo é um mal insidioso e tem a astúcia do disfarce, e só será vencido com uma mudança também de mentalidade – de políticas públicas e de mentalidade –, que supere as representações estereotipadas com as quais nós vimos que, durante muito tempo, elas se impuseram. Principalmente esses estereótipos são ainda mais cruéis em relação às mulheres.

Como primeira presidenta do meu país, estou convencida de que a valorização das mulheres no trabalho, na política, nas artes, na ciência é tarefa ainda mais urgente em se tratando de mulheres negras, duplamente oprimidas ao longo da história: por seu gênero e por sua raça.

Aliás, nós, no Brasil, nas políticas sociais, tivemos sempre a sabedoria de focar nas mulheres, como centro da família, os mecanismos de transferência de renda, porque sabemos – sem ter uma posição de detrimento dos nossos companheiros homens – que as mulheres são incapazes de receber rendimentos e gastá-los no bar da esquina.

Eu queria acabar o meu pronunciamento, com uma poeta brasileira, Conceição Evaristo, que expressou esse sentimento de valorização das mulheres quando escreveu – Conceição Evaristo é uma companheira negra –: “A voz da minha bisavó ecoou criança nos porões dos navios negreiros. A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes. Recolhe em si as vozes mudas, caladas, engasgadas nas gargantas. A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato.”

Assegurar que essa voz seja ouvida e sua ação reconhecida é o objetivo que nos une e nos mostra o caminho a seguir.

Muito obrigada a todos.

[Ouça a íntegra do discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-no-encerramento-da-reuniao-de-chefes-de-estado-e-de-governo-do-encontro-iberoamericano-de-alto-nivel-em-comemoracao-do-ano-internacional-dos-afrodescendentes-salvador-ba-24min58s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-no-encerramento-da-reuniao-de-chefes-de-estado-e-de-governo-do-encontro-iberoamericano-de-alto-nivel-em-comemoracao-do-ano-internacional-dos-afrodescendentes-salvador-ba-24min58s) (24min58s) da Presidenta Dilma

## **23-11-2011 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de encerramento do seminário “Os desafios do Brasil como 5ª potência mundial e o papel do agronegócio”**

**Presidenta encerra evento que discutiu temas relevantes para o setor agropecuário e para o Brasil, como renda rural, a nova política agrícola e o papel do agronegócio nos desafios do Brasil como 5ª potência econômica**

**Unique Palace – Brasília-DF, 23 de novembro de 2011**

Boa tarde a todos os agricultores e as agricultoras aqui presentes,

Eu queria cumprimentar a senadora Kátia Abreu, presidente da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil. Senadora, eu vou falar que a senhora é Presidenta. Queria cumprimentá-la também pelo magnífico discurso feito aqui hoje.

Queria cumprimentar os embaixadores acreditados junto ao meu governo,

Cumprimentar também os ministros de Estado: Mendes Ribeiro, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; o ministro Garibaldi Alves, da Previdência Social; o nosso ministro do Esporte, que teve de se retirar, mas que, sem sombra de dúvida, honrou este evento.

Queria cumprimentar as autoridades estrangeiras: senhor *Julián* Dominguez, ministro da Agricultura, Pecuária e Pesca da Argentina; a senhora *Nemesia* Achacollo, ministra de Desenvolvimento Rural e Terras da Bolívia; o senhor José Antonio Galilea, ministro da Agricultura do Chile.

Queria cumprimentar a nossa governadora do Rio Grande do Norte, Rosalba Ciarlini,

O senhor João Oliveira, governador interino do Tocantins,

Senadores Armando Monteiro e Casildo Maldaner, aqui presentes,

Os deputados federais Celso Maldaner, Eduardo Sciarra, Henrique Eduardo Alves, Irajá Abreu, Marcos Montes, Moreira Mendes, Onyx Lorenzoni, Paulo Delgado, Romero Pereira, Ronaldo Caiado, Vilson Covatti e deputado Zonta.

Queria cumprimentar um parceiro do governo, senhor Robson Andrade, presidente da CNI, por intermédio de quem cumprimento todos os presidentes aqui presentes, de federações e sindicatos patronais e de trabalhadores.

Queria cumprimentar em especial os sindicatos do Oiapoque ao Chuí, mencionados aqui pela Senadora, da área da Agricultura.

Os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

As senhoras e senhores aqui presentes que representam o nosso... um dos nossos setores mais importantes do Brasil, que é o setor da agropecuária.

Eu quero iniciar a minha fala parabenizando a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil pelos 60 anos de serviços prestados ao agronegócio e ao Brasil; cada um dos homens e das mulheres que construíram essa representação ao longo de 60 anos da agricultura brasileira.

Sem dúvida, a Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária [Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil] é uma entidade à altura da importância do setor agrícola brasileiro, que representa, com todos vocês sabem, 22,4% do nosso Produto Interno Bruto e responde por 37% das nossas exportações. O Brasil se orgulha, sem dúvida, de ter uma das agriculturas mais produtivas, mais eficientes e mais competitivas, de ter uma agropecuária que está entre as melhores do mundo.

Este seminário é representativo do dinamismo e da importância da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária [Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil]. Os especialistas que analisam o futuro da economia e do agronegócio no Brasil apresentaram ideias, proposições e mesmo, porque somos um país democrático, diferenças de opiniões. Estou certa de que todos, mas todos mesmos, encontraram explícita ou implicitamente um ponto de convergência: o Brasil é hoje uma potência agropecuária.

Além de produzirmos a maior parte dos alimentos que nossa população consome, somos o maior exportador mundial do complexo de soja, de carne, do açúcar e de produtos florestais. No ranking mundial, o Brasil ocupa a liderança na produção de açúcar, café em grãos, suco de laranja; e a segunda posição em soja, em grãos, carne bovina, tabaco e etanol. Exportamos produtos agrícolas para 214 destinos internacionais.

Eu acredito que, sem dúvida, a agricultura deu uma contribuição essencial para termos chegado até aqui a esse momento em que o Brasil mostra a sua força, a sua capacidade e, sobretudo, mostra um novo presente, mas também um novo futuro com perspectivas que todos reconhecem, tanto investidores, como consumidores, como a população mesmo dos países, bem como os seus governos.

Essa posição privilegiada do Brasil, ela foi conquistada respeitando e fortalecendo a convivência e a complementaridade de pequenos, médios e grandes produtores. Sim, somos um país de produtores, empreendedores, agricultores livres. Temos um agronegócio dinâmico e pujante, muito bem posicionado na produção de *commodities*. Temos uma rede de pequenos produtores cada vez mais moderna e produtiva que é capaz de garantir, também, grande parte dos alimentos destinados ao mercado interno e que conta, só na atual safra, com 16 bilhões de crédito com o programa Mais Alimentos, com o Programa de Aquisição de Alimentos e com uma nova política de garantia de preços. A convivência harmônica entre todos os diferentes produtores é a base do sucesso, da harmonia, da estabilidade social da agricultura brasileira.

Senhoras e senhores,

Nós sabemos que não podemos nos cansar de dizer isso: que o Brasil é uma potência agropecuária. Porque soube agregar às condições naturais o fator empreendedor; o fator ligado a essa força que é capaz de transformar, que é a nossa força, a nossa capacidade de compreender, de entender e de transformar o mundo. E daí a eficiência do trabalho e os avanços da ciência e da tecnologia agregados a condições abençoadas que nós recebemos.

A nossa agricultura, a nossa pecuária, o nosso setor de energia renovável são frutos do

empenho deste país em gerar conhecimento e aplicá-lo à atividade produtiva agrícola. Nesse sentido, somos também, aqui, um fator importante. Por quê? Porque aqui se sabe que a incorporação de novas tecnologias, novas técnicas e conhecimentos e, portanto, um processo de educação, contribui para que o processo de produção agrícola no Brasil, seus produtos nos tornem um país extremamente competitivo. E é isso que nós queremos para todos os setores.

Daí porque é importante lembrar que nós tivemos capacidade de aumentar a produção em um ritmo muito superior ao aumento da área plantada. O que, sem dúvida, torna a nossa agricultura e a nossa pecuária mais eficiente enquanto negócio, enquanto organização econômica e enquanto proposta social, no sentido mais amplo da palavra para o Brasil. A Embrapa, por exemplo, ligada ao Ministério da Agricultura, é um dos orgulhos deste país. Gerou conhecimento, gerou tecnologia e mostrou a possibilidade real e concreta de uma parceria entre o setor público e o setor privado, em que o setor público não atrapalhe o setor privado, pelo contrário, potencializa as possibilidades desta relação dinâmica e desta relação muito produtiva. Além disso, nossas universidades, seus centros de pesquisa e as instituições de pesquisa ligadas ao setor privado são todos responsáveis pela elevada qualidade e, portanto, competitividade da nossa agropecuária.

Em um cenário de rápida evolução tecnológica, em que faz diferença ter acesso à inovação, a excelência da Embrapa fez, faz e fará a diferença ao contribuir para a adaptação das culturas às mais diversas condições de clima e solo e ao desenvolver, cada vez mais, novas e mais eficientes técnicas produtivas.

Mas o bom desempenho do agronegócio brasileiro é resultado da capacidade empreendedora dos nossos agricultores, dos nossos pecuaristas, dos nossos produtores. Investindo, adaptando-se às novas tecnologias, melhorando a cada ano sistemas de produção, com a utilização de máquinas e sementes mais produtivas, sem dúvida, os agricultores brasileiros são batalhadores incansáveis, são empreendedores que muito orgulham o nosso país.

Além desse caráter empreendedor, do fator tecnológico e das nossas boas vantagens climáticas, também avançamos muito em nossas políticas públicas de apoio ao desenvolvimento agrícola e à pecuária. Cito um único número: no atual Plano Agrícola e Pecuário, estão disponíveis [R\$] 107 bilhões para financiar o agronegócio brasileiro, quase quatro vezes o total aplicado na safra de dez anos atrás.

Mas nós queremos mais. Daí porque um dos compromissos que eu assumo aqui com vocês é buscar garantir que cada um desses reais, desses R\$ 107 bilhões chegue na mão do produtor, seja ele pequeno, médio, e os 16 bilhões na mão do pequeno agricultor. Esse talvez seja o grande desafio que tem de articular o governo federal com a iniciativa privada aqui presente. Nós temos de procurar a eficiência no gasto. Nós não podemos aceitar que parte desse dinheiro, por menor que ela seja, seja indevidamente desviada da mão do produtor rural.

Hoje nós temos de buscar além disso, e reconhecer que uma parte nós já obtivemos. Além do volume adequado para financiar a produção, estamos procurando ter menos burocracia, taxas de juros mais baixa, seguro rural, uma forte política de garantia de preços aos produtores, programas de estímulo à integração de cadeias produtivas, de financiamento a máquinas e equipamentos, de apoio à agricultura da forma mais sustentável possível.

Isto, como eu já disse e repito, não significa que nós já atingimos o que queremos. É inadmissível que não queiramos avançar sempre mais. Por isso, precisamos enfrentar, juntos, o desafio da logística de transporte, da logística de armazenamento e distribuição de nossa

produção agrícola.

Muitos dos investimentos necessários estão em curso no PAC: rodovias, ferrovias, hidrovias, portos, aeroportos... Toda a infraestrutura brasileira em todas as regiões tem recebido algum tipo de investimento para solucionar os gargalos existentes. Mas eu sei que eles são muitos. Eu sei porque, antes de eu ser Presidente, eu coordenei o esforço do governo federal para voltar a investir, de forma sistemática, em infraestrutura. E eu sei que muito falta, falta muito. Nós temos de fazer, nós temos ainda muito o que fazer. Até porque o nosso país tem de discutir, quando se tratar de logística, um plano sistemático de investimento em logística que não se esgote a cada ano, que perpasse os anos e que chegue a ser um compromisso não de um governo, mas um compromisso de Estado.

Nós não queremos, também, cair naquilo que aconteceu na União Europeia. Quando eu perguntei a alguns presidentes ou primeiros-ministros uma das causas da dívida soberana, além do processo gerado pela crise de 2009, em algumas regiões da Europa se investiu em três rodovias simultâneas entre algumas cidades; se construíram aeroportos sem (falha no áudio). Isso está em vários jornais, mas também está na avaliação desses presidentes e primeiros-ministros.

Por isso, é necessário um planejamento no Brasil. É necessário que esse planejamento seja feito nessa relação entre o setor privado e o setor público, discutindo as rotas, porque construir estradas no Brasil é discutir como escoaremos, de um lado, as *commodities* agrícolas e como escoaremos as nossas riquezas minerárias exportadas. Mas é também discutir não só o processo exportador no Brasil, não só custos absurdos de transporte, processos que nós temos de discutir para tornar inclusive mais eficiente o abastecimento do nosso mercado interno.

Por isso, eu quero assegurar aos senhores que o governo federal sabe da importância de enfrentar o desafio logístico. Já estamos investindo, e o faremos cada vez mais, em parceria público-privada, e também utilizando sistematicamente a concessão para o setor privado, e buscando que o Brasil disponha de uma infraestrutura de transporte capaz de garantir competitividade, tanto à produção agropecuária para exportação quanto para o mercado interno.

Precisamos de políticas e instrumentos mais adequados também para apoiar outros segmentos. Porque o Brasil, muitas vezes, olhou para os grandes produtores e para os pequenos, e não olhou para os médios produtores. Por isso, nosso mais irrestrito compromisso para apoiar o médio produtor.

No atual Plano Agrícola, aprimoramos o Pronamp, o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural, tornando este programa mais efetivo, ampliando os limites de renda para enquadramento como médio produtor e os valores para custeio e investimento. Essa reunião vai permitir que tenhamos mais elementos para, no próximo ano, termos ainda uma política melhor.

Mas sabemos que, mesmo assim, nós temos de reconhecer, já de hoje, que esse segmento de produtores precisa de novos e melhores instrumentos de apoio à produção e comercialização. Precisamos construí-los em conjunto, através de um processo de diálogo, porque é estratégico para o Brasil. E, por isso, nós criamos o lema do nosso governo – País Rico é País sem Pobreza. Porque nós queremos criar uma classe média, uma classe média que dê sustentação ao Brasil. E uma classe média, ela não é pobre, ela não pode ser pobre. Ela tem que ser capaz de dar não só a sustentação econômica, mas também criar um tecido social que permita que nós tenhamos uma verdadeira cidadania em nosso país.

Para nós, sem sombra de dúvidas, se nós não tivéssemos – aqui está o nosso ministro da

Previdência – se nós não tivéssemos uma Previdência que é uma rede de proteção social, como muitos países não têm, nós podíamos investir cada ano R\$ 200 bilhões em infraestrutura, por exemplo. Muitos países não têm, muitos grandes países não têm. Mas, em compensação, nós viveríamos atemorizados pelo tipo de ruptura social e política que poderia ocorrer. E este país, hoje, tem uma característica: é uma democracia estável.

Como a senadora disse, e nós nos orgulhamos disso: em todas as áreas nós respeitamos contratos, nós jamais rompemos. A partir – se eu não me engano – do governo Fernando Henrique Cardoso, pode ter sido a partir de algum governo anterior, mas de governos anteriores, nós não rompemos contrato mais. O Brasil tinha a marca (incompreensível) 1982, nós tínhamos essa marca. Hoje, nós não temos mais essa marca. Não só não estamos em condições adversas, como também, hoje, somos um país com retrospecto de respeito a contratos muito significativo.

Queria dizer que nós aprendemos, nós aprendemos ao longo desse processo no Brasil. E aprendemos ao construir e aprimorar os instrumentos de que hoje dispomos para apoiar o agronegócio. (Incompreensível) que todas as condições que nós construímos na relação de debate, de discussão e, eu tenho certeza, de uma discussão que não se vê em muitos países entre o governo e o setor agrícola e agropecuário nos permitiu transformar a nossa política também melhorando e tendo consciência de que nós podemos aprimorar, sistematicamente, os nossos instrumentos.

Eu convido a todos vocês, produtores agrícolas e representações dos produtores agrícolas, a trabalharmos juntos, porque esse é o caminho correto do diálogo, é o caminho correto da construção de política, do consenso para que nós aprimoremos juntos a política agrícola do Brasil. Vamos avançar para termos uma produção sustentada, para mostrarmos que o Brasil continuará sistematicamente implantando as melhores práticas no campo, para usar a ciência e a tecnologia para ampliar a produção, para gerar mais renda e riqueza no campo.

A mesma maturidade para o diálogo que nos permitirá aprimorar juntos nossa política agrícola, deve nos orientar na busca e na construção de um consenso em torno do novo Código Florestal. Eu sei que muitos passos foram dados nessa direção. O Brasil não precisa e não pode contrapor seu papel de potência agrícola à preservação das nossas riquezas naturais e da nossa biodiversidade. Talvez sejamos o único país do mundo que tem condições de ser potência agrícola e energética sem deixar de ser potência de biodiversidade e respeito ao meio ambiente.

Nós não temos a menor dúvida, e isso ficou comprovado na reunião de Copenhague, de que a questão ambiental muitas vezes é transformada em instrumento de geopolítica, em que uma parte do Globo não toma medidas porque a outra parte do Globo não está tomando.

Nós somos, talvez, o único país que tem uma posição estratégica na área em que ninguém tem: nós temos uma matriz energética renovável. E esse talvez seja o maior entrave para a questão ambiental no mundo. Porque não é fácil achar substituto para energia fóssil, para o carvão e para o óleo diesel, principalmente em um mundo assolado (falha no áudio). Nós temos de sempre lembrar que o grande fator que torna o Brasil em condições de grandes disputas é o fato da nossa força energética e agrícola.

Por isso, eu estou certa de que podemos avançar muito, sem compactuar com o desrespeito ao meio ambiente e fortalecendo nossa agricultura em toda a sua diversidade. E somos o país que vai sediar a Rio+20 no ano que vem. Nesse momento, nós não estaremos discutindo metas, mas é o momento oportuno para nós mostrarmos que este país, para produzir etanol, por exemplo, não desmata um metro quadrado, porque a distância das áreas de produção de cana-de-açúcar no Brasil para a Amazônia não é o que muitos acham

contra nós, mas é a mesma distância entre, por exemplo, Lisboa e Moscou.

E, senhoras e senhores, nós vivemos hoje um momento em que o mundo passa por dificuldades, e todos vocês sabem disso. Nós não somos uma ilha, mas, ao mesmo tempo em que não somos uma ilha, não somos um país desprotegido. Pelo contrário, nós somos um país protegido pelo seu imenso mercado interno, pelo fato de que nós, nos últimos anos, tiramos 40 milhões de pessoas e transformamos este país em um país, pela primeira vez, de classe média, efetivamente. A maior parte da nossa população é hoje de classe média. E isso torna o país mais protegido.

Mas, também, estamos mais protegidos porque temos hoje todos os mecanismos para enfrentar as diversidades que podem decorrer de um aprofundamento maior, por exemplo, da crise europeia. Isso porque o nosso país sabe que ter R\$ 440 bilhões de compulsório depositado nos bancos nos permite enfrentar internamente qualquer problema de crédito, sem recorrer, de forma imediata, nem de médio prazo, ao nosso Orçamento, o que muitos países do mundo não têm condições de fazer.

Nós temos espaço para fazer política monetária. Nós temos uma política fiscal que é, ao mesmo tempo, de consolidação fiscal, de respeito à redução de todas as práticas absurdas que nós vemos nos países desenvolvidos, de grandes déficits, de grandes endividamentos. Não é essa a atitude do governo brasileiro em relação à questão fiscal. Pelo contrário, antes dessa crise aparecer nitidamente no cenário, o governo brasileiro, por sua conta própria, reduziu todo o processo de ampliação do gasto, cortando R\$ 50 bilhões do Orçamento. E isso nós fizemos porque achamos que o Brasil não pode esquecer do que já conquistou. E o que nós conquistamos é a capacidade de crescer com estabilidade.

Por isso eu queria assegurar aos senhores que nós estamos completamente atentos para garantir um crescimento sustentável do Brasil diante dessa situação internacional. Obviamente temos clareza que, para que isso ocorra, os senhores são um elemento essencial, porque vocês são a parte empreendedora e produtiva do nosso país. E uma coisa nós aprendemos: nós aprendemos que não é com recessão que se enfrenta a crise, é com solidez fiscal, mas é com crescimento também.

E eu quero dizer aos senhores que nós estamos atentos para garantir que, diante da crise, o nosso país utilize a velha e cansada metáfora – nós já a usamos em 2009 – chinesa, de que crise também é oportunidade. Aliás, a gente já experimentou isso no passado. Mas que nós olharemos essa crise também como um momento de oportunidade, de melhorar o nosso país, de melhorar nosso crescimento, de melhorar a nossa produtividade, de assegurar o nosso compromisso com a questão da inovação.

Nós só seremos um país rico se também formos um país em que a ciência, a tecnologia e a inovação fizerem parte da prioridade de cada um dos brasileiros. Nós não podemos deixar de ver que nós temos de fazer um grande esforço nessa área, um grande esforço na área de Educação.

E, aí, eu quero dizer que a Embrapa é, sem dúvida nenhuma, um exemplo do que alcançou, ao longo da nossa história, o que foi apostar no conhecimento como elemento de transformação. Porque significa apostar, na verdade, no fato fundamental de que a riqueza deste país, ela é grande – de fato nós temos o pré-sal, de fato nós temos minério, de fato nós temos uma indústria competitiva, nós, de fato, temos... somos uma potência agrícola, nós temos um povo trabalhador. Agora, de fato, está no empreendedorismo, na capacidade de trabalho, na seriedade deste país alegre, que nós encontramos as nossas raízes e a nossa força para crescer e de fato sermos não sei se só a 5ª, mas sermos uma das grandes potências do mundo.

Obrigada a todos.

Ouçã a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-no-encerramento-do-seminario-201cos-desafios-do-brasil-como-5a-potencia-mundial-e-o-papel-do-agronegocio201d-36min19s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-no-encerramento-do-seminario-201cos-desafios-do-brasil-como-5a-potencia-mundial-e-o-papel-do-agronegocio201d-36min19s) (36min19s) da presidenta Dilma

Salvar

## **24-11-2011 - Palavras da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante encontro com a delegação de atletas dos Jogos Parapan-Americanos de Guadalajara 2011**

**"Vocês provam para o povo brasileiro que é possível que a pessoa com deficiência ultrapasse os limites e chegue a uma situação que engrandece o Brasil", diz a Presidenta Dilma aos atletas**

**Palácio do Planalto, 24 de novembro de 2011**

Eu queria, primeiro, cumprimentar cada um de vocês pelo orgulho que vocês deram ao nosso país. Mais uma vez, porque vocês vêm dando, ao longo de todos os Parapans, vocês vêm dando orgulho para nós.

E eu olhei todos os números, acompanhei o desempenho de vocês, e quero dizer que foi, de fato, fantástico o que vocês fizeram para o Brasil, colocando o Brasil numa posição de destaque. Dos 222 atletas brasileiros que compareceram aos Jogos, lá no México, vocês tiveram, de fato, um desempenho fabuloso em vários tipos de modalidades esportivas.

Eu queria começar saudando o Daniel, por tudo o que ele representou para o Brasil, em matéria de medalha. Ele trouxe ao Brasil 11 medalhas. Então, eu pediria que esse destaque ao Daniel também fosse visto como um destaque a cada um de vocês. Sei que em várias áreas nós fomos os primeiros ou os segundos, mas sempre nós demonstramos garra e capacidade de disputar os primeiros lugares.

Vocês sabem que nós lançamos, recentemente, um Programa. O Programa que nós lançamos chama-se Viver sem Limites. E este Programa de Viver sem Limites, ele hoje tem um momento todo especial. Vocês provam para o povo brasileiro que é possível que a pessoa com deficiência ultrapasse os limites e chegue a uma situação que engrandece o Brasil. E também mostra que nós precisamos, o Brasil inteiro precisa de cada um dos nossos cidadãos, de cada uma das nossas cidadãs. E vocês são um exemplo de que com esforço, com dedicação, com disposição, com trabalho de equipe, é possível superar e conquistar todo o possível.

Eu gostaria também de, em nome do governo, dizer para vocês que nós ficamos muito felizes. E vocês também mostram também para nós, do governo, que é preciso expandir o Bolsa Atleta, porque dos 222, dos 222 atletas, 73% recebiam Bolsa Atleta; e dos 162 que recebem Bolsa Atleta, 80% obteve medalha. Mostra que esse investimento do país em vocês está para lá, para lá de bem atendido e de bem, eu diria assim, recompensado. Porque é muito bom a gente ver um grupo tão grande de brasileiros e de brasileiras ter esse desempenho que vocês tiveram. Vocês deixaram para lá países com uma tradição esportiva. E, quero dizer para vocês: eu tenho certeza que vocês vão voltar de Londres ainda mais bem-sucedidos do que foram no México.

E também sei que no nosso Programa Viver sem Fronteiras nós temos aqui, com os atletas

medalhistas de ouro, de prata e de bronze e com os atletas que foram e infelizmente não puderam ganhar, mas com todos vocês nós temos aqui um exemplo para esse Programa, esse Programa que eu acredito que é e que foi para mim, eu quero dizer para vocês, um dos momentos mais gratificantes da minha presidência, porque é ter certeza que nós estamos rompendo com o preconceito, que nós estamos rompendo com as barreiras sociais, que nós estamos garantindo que todos os brasileiros – e o IBGE mostra, o IBGE evidencia que são muitos, milhões de brasileiros que têm algum tipo de deficiência – podem ter certeza que vão ter uma oportunidade no Brasil. E assim como vocês venceram, vão vencer também.

Aqui nós estamos falando para brasileiros e brasileiras vitoriosos.

Meus parabéns, e de todo o meu governo.

Eu queria passar a palavra para uma pessoa por quem eu tenho grande consideração, que é o Secretário Nacional de Direito da Pessoa com Deficiência, que fala muito bem. Está falando que não vai falar, mas fala muito bem. Outro dia, vocês podem ter certeza que ele fez um discurso e abafou. Então, eu tenho certeza que o Antônio José vai dar uma palavra, depois o Ministro do Esporte e a Ministra dos Direitos Humanos, que é responsável pela área do Antônio José. Antônio José, com a palavra. Eu seguro para você.

**Secretário Nacional de Direito da Pessoa com Deficiência:** \_\_\_\_\_

**Presidenta:** Eu queria, então, cumprimentar as seguintes pessoas aqui presentes:

O Andrew Parsons, presidente do CPB,

O Luiz Cláudio Pereira, vice-presidente do CPB,

O Mizael Conrado, também vice-presidente,

Philip Craven, presidente do IPC,

E Jocelin Craven, acompanhante do presidente do IPC,

Cumprimentar também a Marcela Parsons, da Confederação Brasileira de Hipismo,

O Carlos Vieira, também do CPB,

Da mesma forma que o Edílson Alves da Rocha, o Frederico Mota, Luiz Garcia Coelho Júnior.

O Adilson Pereira Ramos, da ABDEM,

O Amauri Ribeiro, da ABVP,

O Ivaldo Brandão Vieira, da Ande,

O José Luiz Vasconcelos, da CBC,

O Sandro Laina Soares, da CBDV,

O Hélder Araújo, da CBDV,

Jorge Lacerda da Rosa, da CBT,

Maria Naise de Moraes Pedrosa, da CBBC,

Alaor Gaspar Pinto Andrade, da CBTM,

Walcles Figueiredo Osório, da CBVA,

Agradeço também a presença aqui de todos os funcionários da Secretaria de Defesa dos Direitos Humanos, representados pela ministra Maria do Rosário. E também da Secretaria

dos Esportes.

Passo agora a palavra para o Ministro do Esporte, porque eu acredito que este é um momento especial, porque nós temos um desempenho absolutamente fantástico nesta hora, na questão do Esporte do Parapan. E isso, para todos nós, é um estímulo, no momento em que o Brasil vai disputar uma Copa do Mundo e uma Olimpíada. Principalmente considerando que na Paraolimpíada de 2016 e nessa de Londres agora, nós podemos ser também vitoriosos. Então, vamos começar desde agora a nos preparar para depois.

Ouçã a íntegra das [palavras](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-encontro-com-a-delegacao-brasileira-de-atletas-dos-jogos-parapan-americanos-de-guadalajara-2011-brasilia-df) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-encontro-com-a-delegacao-brasileira-de-atletas-dos-jogos-parapan-americanos-de-guadalajara-2011-brasilia-df>) (11min55s) da presidenta Dilma

# 25-11-2011 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega do navio Celso Furtado

**Considerada a primeira embarcação a ser entregue por um estaleiro brasileiro ao Sistema Petrobras, desde 1997, o navio Celso Furtado será responsável pelo transporte de combustíveis entre os estados do Brasil**

**Niterói-RJ, 25 de novembro de 2011**

Eu queria, aqui, cumprimentar os nossos dois governadores aqui presentes: o governador Sérgio Cabral, nosso querido governador do Rio de Janeiro, meu parceiro, amigo; queria cumprimentar também o governador de Alagoas, governador Teotônio Vilela,

E cumprimentar os ministros: ministro Edison Lobão, Helena Chagas,

E cumprimentar um querido parceiro, eu acredito, lutador aqui pelo Rio de Janeiro, que muito me incomoda, que vai a Brasília e sempre pede, Luiz Fernando Pezão. O Pezão é, de fato, um dos melhores gestores que eu conheci e o Pezão mostra a capacidade do Sérgio Cabral de escolher um excelente vice-governador.

Queria cumprimentar também o prefeito de Niterói, Jorge Roberto Silveira,

Cumprimentar os senadores Lindbergh Farias e Benedito de Lira,

Os deputados federais Chico D'angelo e Filipe Pereira,

O nosso presidente dos Correios, Wagner Pinheiro,

Os diretores da Petrobras: Paulo Roberto Costa, de Abastecimento; Maria das Graças, de Gás e Energia; e o Estrela, da Exploração e Produção da Petrobras,

Cumprimentar também o Sérgio Machado, presidente da Transpetro,

O Ariovaldo Rocha, presidente do Sinaval,

O João Moraes, coordenador-geral da Federação Única dos Petroleiros,

O Manuel Ribeiro, presidente do Estaleiro Mauá,

A senhora Alessandra Leão dos Santos, subchefe de Máquinas do navio Celso Furtado,

E aí eu quero fazer um cumprimento todo especial aos trabalhadores e às trabalhadoras da indústria naval do Estaleiro Mauá,

Cumprimento também o senhor Germán Efromovich, um dos sócios aqui do Estaleiro Mauá,

Queria cumprimentar, também com especial carinho, a viúva de um grande brasileiro, de um brasileiro que honrou o Brasil, honrou os brasileiros e as brasileiras e, sobretudo, honrou o Nordeste, Celso Furtado. Talvez... nós devemos saber que ele foi e será um dos grandes pensadores do Brasil.

Queria cumprimentar também a neta do Celso Furtado, (incompreensível) Furtado, e dizer que é uma grande honra para mim estar aqui hoje e lançar este primeiro navio do PAC, e denominá-lo Celso Furtado.

Queria também cumprimentar as senhoras e os senhores jornalistas, que muito bem o Celso disse, que estão ali no sol. Da próxima vez, eu acho que a gente devia fazer uma reivindicação para ter um guarda-sol ali para eles. Somos solidários nisso.

Também queria cumprimentar os cinegrafistas e os fotógrafos, e cumprimentar cada uma das pessoas aqui presentes,

Eu acho que esta cerimônia, ela tem um aspecto muito importante. Ela fez parte... ela faz parte de uma luta que vocês ajudaram muito o Brasil a travar, mesmo antes de vocês estarem aqui empregados, no Estaleiro Mauá, ou, de uma forma ou de outra, estarem sendo beneficiados pelo fato de que no Brasil nós temos emprego, enquanto que hoje na Europa o que temos é o desemprego.

Aqui no Brasil não era assim antes, porque a indústria naval, quando o presidente Lula chegou ao governo, ela estava paralisada, e muitos estaleiros que já tinham produzido navio, quando você olhava para o chão, você via a grama crescendo por entre as pedras. Isso foi responsabilidade de um momento terrível na nossa história, um momento em que nós tivemos uma das maiores perdas para os profissionais, para os trabalhadores do setor metalúrgico no Brasil, do grande setor metalúrgico.

E aí, o que aconteceu? O presidente Lula tomou uma decisão: “Nós podemos produzir no Brasil o casco, o navio e a plataforma. Nós podemos produzir e vamos produzir”. É importante a gente lembrar que houve muitas pessoas que diziam assim: “Não podem, não. Vocês não têm competência para produzir. O trabalhador brasileiro não sabe fazer casco”. E a grande qualidade do presidente Lula, talvez até por ter sido um peão como vocês, foi dizer: “Não, o trabalhador brasileiro, ó, ele sabe, sim, fazer casco; ele sabe, sim, fazer um navio”.

Hoje, nós estamos aqui provando que os brasileiros sabem fazer navio, e aí, nós estamos em um momento muito importante, porque foi dito aqui que o último navio tem 12 anos e que levou dez anos para ser feito. Só levou dez anos para ser feito porque a indústria já devia estar paralisando, desempregando, parando de trabalhar, porque, senão, não leva dez anos. Então, há muito tempo que o nosso país não mostrava que era capaz de fazer um navio.

O que nós estamos vendo aqui é o seguinte. É que quando os brasileiros e as brasileiras querem uma coisa, eles são capazes. Todos aqueles que trabalham no Brasil sabem que não existe povo mais trabalhador, mais dedicado, mais empenhado, capaz de fazer grandes produções – como navios, aviões, plataformas –, capazes de extrair o petróleo no fundo do mar, na camada lá embaixo, debaixo da camada de sal, o nosso pré-sal.

Então, hoje é uma manifestação do que nós podemos, e nós podemos fazer porque nós somos um país que tem hoje todas as condições para se transformar cada dia mais – e a prova está aqui –, cada dia mais em um país capaz de dar emprego para os seus filhos, para os seus trabalhadores e para as suas trabalhadoras, e que eles possam criar seus filhos de uma forma a ter acesso à educação, porque nós queremos trabalho, cada vez mais, de melhor qualidade. E é isso que nós vamos fazer juntos, é isso que vocês provaram hoje, aqui.

E eu queria dizer para vocês que isso tem a ver com o Celso Furtado. Sabe por quê? Porque no Brasil muita gente dizia: “Dá para o país crescer, alguns poucos ficarem ricos e o resto pode ficar na pobreza”.

O Celso Furtado foi um economista que disse que crescimento era uma coisa, desenvolvimento era outra. Um país só se desenvolvia se, além da sua economia crescer,

seu povo crescesse junto, seu povo se desenvolvesse junto, se os empregos ficassem cada vez melhor, se cada família pudesse colocar seu filho na escola e ver ele chegar na universidade, se cada família pudesse ter acesso à saúde.

Pois é esse homem que, com o trabalho de vocês, nós estamos aqui reconhecendo hoje - um grande brasileiro que disse que desenvolvimento só... para ser desenvolvimento tinha de ter crescimento econômico, geração de emprego, distribuição de renda, senão não era desenvolvimento.

E isso eu acho que nós estamos conseguindo no nosso país. O que nós estamos conseguindo? Nós estamos conseguindo garantir o emprego. E aqui, eu queria falar uma coisa para vocês, podem ter certeza de uma coisa: nós não vamos permitir, no Brasil, que se exporte empregos para fora, nós não vamos permitir. E não vamos permitir porque o nosso compromisso é com a grandeza deste país. E este país, para ser um país grande, o seu povo tem de ter acesso a emprego.

Além disso, nós temos de, cada vez mais, sermos capazes de produzir as coisas mais complicadas, porque é assim que nós vamos ser, de fato, um país de primeiro lugar: é quando nós formos capazes de garantir isso que é lema do meu governo. País rico não é um país em que o PIB cresce, não é um país em que os números são o que importa, país rico é aquele em que as pessoas importam e, portanto, é um país sem pobreza. É isso que é um país rico.

Eu quero dizer para vocês que eu lutei muito para o Brasil voltar a produzir aquilo que ele é capaz. E quero dizer mais uma coisa: não vou permitir, como presidente da República, que a demanda por navio, por plataforma, por sondas, que vai ocorrer nos próximos anos, porque a Petrobras vai continuar investindo, as outras empresas que estão aqui no Brasil, na área de petróleo, vão continuar investindo, e o petroleiro – é bom a gente lembrar –, o petroleiro, aquele funcionário de antes e de hoje da Petrobras é um trabalhador sempre comprometido com a riqueza deste país. Ele também não vai deixar, junto conosco, e nós vamos garantir que nós não vamos transferir emprego para outros países do mundo. Os empregos gerados pelo Brasil serão mantidos no Brasil. Isso é igual a conteúdo nacional.

E nós temos ainda uma qualidade e uma vantagem. Vocês se lembram daquela época em que o Brasil tinha uma espécie de acompanhante, que vinha aqui e dizia o que a gente podia fazer e o que a gente não podia fazer: o Fundo Monetário Internacional. Hoje, eu quero dizer para vocês que nós temos uma qualidade: o Brasil mudou. Nós pagamos o Fundo Monetário, ninguém manda em nós. Não há nenhuma vontade além da nossa.

Por isso, como não há nenhuma vontade além da nossa própria vontade, eu quero dizer para vocês que nós precisamos, com muita força, com o trabalho árduo de vocês, e vocês podem ter certeza de que o governo vai estar ao lado de vocês. Nós podemos transformar, cada dia mais, o nosso país em um dos lugares melhores de se viver: um país rico, um país com a sua população com acesso a serviços de qualidade e, sobretudo, um país de cabeça erguida, um país que sabe o que quer e que pode fazer.

E eu tenho certeza de que vocês podem e de que vocês sempre ajudarão o meu governo a construir um país melhor.

Um beijo no coração de cada um.

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-entrega-do-navio-celso-furtado-rio-de-janeiro-rj-15min16s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-entrega-do-navio-celso-furtado-rio-de-janeiro-rj-15min16s>)

(15min15s) da Presidenta Dilma

Salvar

## **25-11-2011 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de inauguração das novas instalações do Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia Jamil Haddad (Into)**

**Segundo o Instituto, a nova estrutura permitirá um grande avanço na qualidade e quantidade do atendimento oferecido pelo hospital**

**Rio de Janeiro-RJ, 25 de novembro de 2011**

Bom dia a todos.

Eu queria iniciar dizendo que na disputa entre o Sérgio Cabral e o Eduardo Paes, o Sérgio está ligeiramente à frente, porque utilizou o “nunca antes na história” deste hemisfério e, necessariamente, ele fez isso porque é um dever nosso reconhecer que nós estamos aqui no Into porque também o nosso querido presidente Lula se empenhou para que este Hospital fosse transformado numa... tivesse uma construção e equipamentos à altura da sua competência.

Então, eu queria cumprimentar o Sérgio Cabral, nosso querido parceiro, governador e amigo pelo fato de ter reconhecido a importância do nosso presidente Lula e, sem dúvida, ele está nos escutando, Sérgio, porque ele comenta todos os atos de que nós participamos.

Queria cumprimentar também o querido Luiz Fernando Pezão, vice-governador do Rio,

O Eduardo Paes,

E queria também saudar o Alexandre Padilha, ministro da Saúde, que tem tido um desempenho significativo nessa área de Saúde, como continuidade de vários outros ministros da Saúde e, que eu acredito, fará diferença nessa área.

Queria também cumprimentar o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão,

A ministra Helena Chagas, da Comunicação Social,

Queria cumprimentar o nosso querido senador Marcelo Crivella,

Os deputados federais: a Benedita da Silva, o Filipe Pereira, o Washington Reis,

Queria também cumprimentar os deputados estaduais aqui presentes: a Inês Pandeló, o Zaqueu Teixeira, o Rosemberg Reis,

Queria cumprimentar uma pessoa que eu conheci a partir das minhas vindas aqui, com o presidente Lula, para inaugurar coisas com o Sérgio Cabral, e também lançar programas, e o Lobão estava muito preocupado porque ele estava dizendo que do jeito que a coisa estava indo, o Maranhão ficaria muito prejudicado porque tudo isso era para o Sérgio. E também queria dizer que o Sérgio Cortes, que eu conheci nessas ocasiões, ele é, de fato, um

excelente – mas um excelente mesmo – secretário de Saúde, que é um exemplo para o Brasil e que mostra como o nosso país tem evoluído no que se refere a homens e mulheres qualificados para a gestão pública.

Queria também cumprimentar o doutor Geraldo Motta, diretor-geral do Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia Jamil Haddad,

Queria também cumprimentar o Paulo Gadelha, presidente da Fiocruz,

O Maurício Chacur, presidente do Investe Rio,

Cumprimentar todos os funcionários deste Hospital, tanto os médicos, como as enfermeiras, como os funcionários administrativos,

Queria cumprimentar aqui os jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas,

E, no final, eu queria desejar também, a todos nós, muito sucesso em todos os eventos esportivos e, nesse caso, eu gostaria de homenagear os atletas olímpicos aqui presentes: Bruno Martins, Bruno Crespo, Felipe Almeida e Juan Silva,

É muito sintomático que estejamos aqui no prédio de um dos jornais, de fato, que foram nacionais. O Jornal do Brasil foi um jornal nacional, ele não era um jornal só lido no Rio de Janeiro. Ele era lido, certamente, em muitos outros estados. Eu sou mineira, eu lia o Jornal do Brasil. Era esse o jornal que nós líamos sistematicamente e, além de ele ser uma referência da história da imprensa brasileira, ele deixa para nós, também, a possibilidade dessa transformação em criar aqui um centro de referência na área de traumatologia e ortopedia. E isso é muito importante para um país como o nosso. Eu acredito que talvez seja uma das prioridades do povo brasileiro saúde de qualidade. Principalmente pelo fato – que nós temos sempre de lembrar – que hoje, quando 40 milhões de brasileiros chegaram à classe média, a exigência na qualidade do serviço público passa a ser uma exigência democrática.

Vou me explicar: o Brasil é um país muito desigual. Até um determinado momento, o serviço público brasileiro na área de Saúde era um serviço que, principalmente, as pessoas de menor renda usufruíam; apesar de necessariamente o SUS suportar, também, as exigências na área da alta complexidade e sustentar, também, o tratamento das altas esferas – mas não no dia-a-dia. Nas altas esferas de renda.

Nós, atualmente, vivemos um outro momento. O Brasil mudou. E mudou por alguns aspectos em que as exigências, no que se refere à qualidade do serviço público, passaram a ser muito fortes, muito decisivas, porque dizem respeito a uma parte da população que conseguiu chegar à classe média e que agora utiliza esses serviços e quer um grau de eficiência deles, porque eles passam a ser – para o dia a dia dessas pessoas – a grande alternativa de saúde.

E nós sabemos que o serviço público de Saúde no Brasil tinha áreas de excepcional excelência que, agora, se tornaram, e cada vez mais se tornam, pelo fato de que o Brasil possui mais recursos, tanto na área pública quanto na área privada, mas, sobretudo na estrutura do Sistema Único de Saúde, se tornam cada vez mais exigentes, cada vez mais capazes de fornecer um serviço de qualidade.

Eu acho que aqui nós estamos diante de um dos momentos consagradores, porque aqui nós temos uma instituição de excelência, criada pelo esforço de funcionários dedicados, que têm uma qualidade de atendimento que torna este Instituto um padrão e um parâmetro para o Brasil, e mostra, sobretudo, que nós podemos, nós temos todas as condições de sempre buscar alcançar esse padrão de excelência.

Hoje nós precisamos ter melhores práticas e estendê-las para todas as áreas. Centro de

referência é isso: é a possibilidade de difundir melhores práticas, de garantir que a população de todos os rincões deste país possa ter a uma Medicina de qualidade.

Daí porque o Into, para nós, é muito importante em alguns programas que o governo considera estratégicos. No programa Viver sem Limite, em que nós construímos um plano nacional de atendimento às pessoas com deficiência, o Into é estratégico; no programa SOS Emergência, que parte da constatação da necessidade de transformar os nossos prontos-socorros em centros de atendimento de qualidade, o Into é, sem sombra de dúvida, essencial. O Into também é... como hospital, servirá de base para o programa Melhor em Casa, que é o atendimento de saúde na casa do paciente. Tudo isso caracteriza, eu acho, um momento especial da saúde pública no Brasil.

Nós somos um dos poucos países – ou talvez o único – com população acima de cem milhões que pretende e que busca e que constituiu saúde pública universal de qualidade. Esses três itens, eles são extremamente desafiadores. Universal porque nós somos um país com um número de habitantes extremamente expressivo e que torna o nosso país um dos países mais ricos do mundo. Não só por causa que temos petróleo ou que temos recursos energéticos ou porque somos potência... uma potência agrícola, uma potência energética, porque temos uma indústria bastante diversificada ou uma agricultura de excelência, mas porque, sobretudo, somos um país continental com uma população extremamente expressiva. Nenhum país que tenha 190 milhões de habitantes pode considerar a possibilidade daqueles processos de desenvolvimento que se caracterizavam por se destinar só a uma parcela da sociedade.

O nosso país se transformou e é respeitado internacionalmente porque incorporou na cidadania, no consumo, no trabalho, milhões de brasileiros, aproximando o nosso potencial dos 190 milhões, que é o que nós temos de incorporar, e isso cria a necessidade de um processo de prestação de serviços universal que seja também um processo de qualidade.

Fazer isso é o desafio que, eu acredito que aqui no Rio de Janeiro, nós temos dado grandes passos. E aí eu tenho de reconhecer a importância do governador Sérgio Cabral e do Pezão como parceiros do governo federal na área de saúde. Tenho de reconhecer também essa força, que é o nosso prefeito Eduardo Paes, porque nós estamos mostrando aqui que é possível fazer.

O Into – e esta realização – é um momento muito importante. Nós mostramos que é possível construir um hospital público de elevada qualidade junto, obviamente, com o Instituto Nacional do Câncer, junto com outras instituições. Mas o que nós queremos é que elas sejam a característica da instituição pública brasileira. Nós queremos que isso sirva de referência não só na área de traumatologia e ortopedia, mas mostre que é possível uma gestão dos recursos de saúde capaz de garantir e assegurar essa palavrinha que se chama “qualidade” do serviço público.

E os senhores sabem que nós estamos num momento muito delicado, internacionalmente. É certo que a Europa ficará, um tempo bastante expressivo, em crise. Essa crise europeia não acaba nem em um ano e, possivelmente, nem em dois [anos]. A própria diretora do Fundo Monetário Internacional falou de uma década perdida para a Europa. Eu não chego a tanto, mas acho que nós temos de ter consciência disso. Nós temos de ter consciência de que também os Estados Unidos não estão numa situação muito favorável.

Mas, ao mesmo tempo, temos de ter consciência do seguinte: sempre se falava que crise é também oportunidade. Crise também é oportunidade, e o Brasil está hoje diante de várias oportunidades. E aí eu queria cumprimentar o Saotec. Eu vou cumprimentar o Saotec não é por que ele vai ajudar a produzir mais medicamentos. Não vou cumprimentar o Saotec

porque ele está ligado a esta instituição. Eu vou cumprimentar o Sautech porque eu acredito que um dos saltos para o Brasil é inovação, ciência e tecnologia. O Sautech nos coloca em outro momento da história, da nossa história. Qual é esse momento? É que o Brasil vai ter de dar o salto da educação, da inovação e da criação e incorporação de tecnologia.

Então, eu saúdo o processo de constituição, aqui, de uma inteligência nessa área, porque faz parte do que nós temos de fazer, o que é o nosso desafio nesta década. É fazer com que aqui no Brasil nós possamos gerar, cada vez mais, empregos de qualidade, empregos que usem o conhecimento e difundam essa capacidade de conhecer, através dos produtos que o Brasil hoje importa, importa gerando empregos no exterior.

E, portanto, então, nesse momento de crise, o que nós temos de fazer diante da crise não é nos atemorizar, parar de consumir, parar de produzir. Ao contrário, o que nós temos de fazer diante da crise que afeta o mundo é avançar, e avançar significa melhorar a qualidade de serviço público do Brasil, garantir que o setor privado continue investindo e que os trabalhadores e o povo brasileiro – e toda a população brasileira – continuem consumindo. Mas, sobretudo, nós temos de avançar naqueles passos que modificarão o Brasil. Um deles é, sem sombra de dúvida, apostar na absorção, inclusive na inovação. Mesmo quando a gente transfere tecnologia, mesmo aí você tem de inovar, você pode ser capaz de inovar. E isso vai, de áreas tão díspares, como a área da saúde, passando, por exemplo, pela área do petróleo. Nós queremos produzir, no Brasil, todos os produtos que a nossa Petrobras vai demandar, nos próximos anos.

Para vocês terem uma ideia... e aqui eu falo porque uma parte disso estará, necessariamente, sediada aqui, até 2020, a Petrobras vai comprar, mais ou menos, 67 sondas. Considerando que cada sonda custa aproximadamente R\$ 1 bilhão, nós temos, então, uma demanda muito forte, que explica por que, mesmo hoje, mesmo nesse momento de crise internacional, nós sejamos um país com uma das menores taxas de desemprego. Nós temos, hoje, 5,8% de taxa de desemprego no Brasil diante, por exemplo, de uma Espanha que, entre os seus jovens, chega a ter 45% e tem taxa média de 20, 22[%].

Então, nós temos uma oportunidade aqui, hoje, com o governador Sérgio Cabral, o ministro Padilha e com o prefeito Eduardo Paes, mas com todos vocês – com cada um dos aqui presentes –, nós estamos dando mais um passo para que o nosso país – não é que não seja atingido pela crise, é mais do que isso – transforme esse momento de crise num momento de construção do futuro e da oportunidade de cada um de nós, mas, sobretudo, da oportunidade do Brasil, porque chegar à quinta potência, hoje, está ficando cada dia mais claro que isso está logo ali. Mas nós não queremos ser uma quinta potência. Nós queremos ser um país sem pobreza, um país de classe média e com serviços de qualidade.

Ouçã a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-inauguracao-das-novas-instalacoes-do-instituto-nacional-de-traumatologia-e-ortopedia-jamil-haddad-into-rio-de-janeiro-rj-20min18s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-inauguracao-das-novas-instalacoes-do-instituto-nacional-de-traumatologia-e-ortopedia-jamil-haddad-into-rio-de-janeiro-rj-20min18s) (20min18s) da Presidenta Dilma

Salvar

# **28-11-2011 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de assinatura do contrato de concessão do Aeroporto Internacional de São Gonçalo do Amarante**

**Discurso da presidenta Dilma Rousseff durante cerimônia de assinatura do Contrato de Concessão do Aeroporto Internacional de São Gonçalo do Amarante (RN)**

**São Gonçalo do Amarante-RN, 28 de novembro de 2011**

Eu queria mandar, primeiro – quebrando o protocolo –, um abraço muito forte aos homens e às mulheres aqui do Rio Grande do Norte. Agradeço, de coração, o apoio que vocês me deram na eleição e quero dizer que eu não poderia deixar encerrar este ano sem vir aqui neste estado, que tem essa tradição guerreira, de homens e mulheres fortes, mas também de gente democrática, que sabe conviver. Por isso, eu queria agradecer muito esta cerimônia e este apoio afetivo que vocês estão me dando aqui agora. Agradecer, de coração.

Queria cumprimentar a nossa governadora do Rio Grande do Norte, a senhora Rosalba Ciarlini,

Queria cumprimentar os Ministros de Estado. Daqui, do Rio Grande do Norte, uma grande liderança que o Rio Grande do Norte produziu para o país, o ministro da Previdência Social, Garibaldi Alves,

Cumprimentar também a ministra Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social; e o nosso ministro, que trabalhou muito para este aeroporto, que é o Wagner Bittencourt, da Secretaria de Aviação Civil. O Wagner é ministro recente, mas sabem por que ele trabalhou muito? Porque, no passado, ele era da diretoria do BNDES, e foi ele que construiu, junto com o presidente do BNDES, o Luciano Coutinho, o modelo para licitação desse projeto. Então, ele, de fato, antes de ser da Secretaria de Aviação Civil, antes da Secretaria de Aviação Civil surgir, ele já tinha dado a sua contribuição para este aeroporto.

Queria cumprimentar também o senhor Ricardo Motta, presidente da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte,

A desembargadora Judite Nunes, presidenta do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte,

Queria cumprimentar também uma grande lutadora – e eu vou falar dela ao longo do meu discurso –, a governadora do Rio Grande do Norte, a senhora Wilma de Faria,

Queria cumprimentar também os senadores José Agripino e Paulo Davim, que, junto com os deputados federais aqui do Rio Grande do Norte, lutaram, sistematicamente, para que este aeroporto fosse uma realidade,

Cumprimentar, então, a Fátima Bezerra; o Fábio Faria; o Felipe Maia; o nosso líder do PMDB

na Câmara, que também lutou muito por este momento, Henrique Eduardo Alves; João Maia; Rogério Marinho; e também – que está por último, mas sempre esteve lá na frente – a Sandra Rosado,

Queria cumprimentar as prefeitas e prefeitos aqui presentes nesta cerimônia. De São Gonçalo do Amarante, o prefeito Jaime Calado, que nos recebe hoje aqui com tanto carinho e atenção,

Queria também cumprimentar a prefeita de Natal, a Mícarla de Sousa; o prefeito de Ceará-Mirim, Antônio Marcos de Abreu Peixoto; o prefeito de Lajes, Luiz Benes Leocádio de Araújo; a prefeita de Apodi, Maria Goreti da Silveira Pinto; a prefeita de Macaíba, Marília Pereira Dias; o prefeito de Parnamirim, companheiro Maurício Marques dos Santos; o prefeito de Canguaretama, Wellison Carlos Dantas Ribeiro,

Queria cumprimentar o presidente da Anac, o Marcelo Guarany,

Queria cumprimentar o presidente da Infraero, Antonio Gustavo Matos do Vale,

Queria cumprimentar, mais uma vez, o presidente do BNDES, Luciano Coutinho, responsável pela modelagem que possibilitou a licitação do aeroporto,

Dirigir um cumprimento especial ao chefe do Departamento de Engenharia [de Construção] do Exército, general de Exército, Joaquim Maia Brandão Júnior,

E, neste momento, cumprimentar e agradecer o Batalhão de Engenharia do Exército, responsável por esta grande obra do aeroporto,

Queria cumprimentar o senhor Gerson Almada, membro do Conselho Administrativo da Inframérica,

O senhor Wilson Vieira, diretor-executivo da Inframérica,

O senhor Eduardo Eurnekián, presidente da Corporação América,

Queria cumprimentar muito especialmente as trabalhadoras e os trabalhadores desta importante obra. Foram eles os responsáveis pela construção. Foram eles que demonstraram, mais uma vez, a capacidade do trabalhador e da trabalhadora brasileira. Nós todos sabemos que eles, com seu trabalho, vão gerar mais oportunidades e mais oportunidades de emprego para muitos brasileiros e brasileiras,

Queria cumprimentar os moradores, as minhas queridas e os meus queridos moradores aqui de São Gonçalo do Amarante,

Dirigir um cumprimento para os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Eu fiz questão de vir aqui ao Rio Grande do Norte, pousando aqui na pista deste novo aeroporto, aqui na cidade de São Gonçalo do Amarante, nesta cidade em que hoje nós estamos em um momento muito especial, porque estamos assinando o contrato de concessão para se construir o restante do complexo aeroportuário. E, ao mesmo tempo, abrindo aqui no Rio Grande do Norte uma oportunidade especial de desenvolvimento.

Nós sabemos que muitas empresas precisam da logística aeroportuária para poder produzir os seus produtos e, ao mesmo tempo, distribuí-los com a rapidez necessária. Geralmente, esses produtos são de ramos industriais extremamente sofisticados, como a área da tecnologia da informação, por exemplo, a área produtora de fármacos.

Por isso, geralmente quando se fala do aeroporto, nós estamos falando de duas coisas: de

cargas e de transporte de pessoas. Eu comecei falando de cargas, porque a carga tem uma característica: ela beneficia as pessoas da região, porque ela traz oportunidades que, sem este aeroporto, não se teria. Entre essas oportunidades, a que para nós é mais importante é a oferta de empregos. E empregos de qualidade, que empresas que têm alto valor agregado – portanto, que precisam de um trabalho de grande qualidade –, elas geralmente usam o transporte aeroportuário.

Por isso, eu estou muito feliz de estar aqui hoje, porque o Rio Grande do Norte abre um novo caminho para o seu desenvolvimento.

Além disso, este aeroporto, ele vai ser um aeroporto que entra em uma nova fase dos aeroportos do Brasil. Este vai ser construído, a parte do terminal de passageiros e de carga, vai ser construída e administrada pela iniciativa privada. E aí, nós vimos, quando houve o leilão, a disputa acirrada que houve entre o consórcio Inframérica, que ganhou, e as outras empresas que estiveram aqui pleiteando serem responsáveis pelo aeroporto.

Eram investidores nacionais e internacionais. E houve 88 lances, o que mostra o grande interesse que esses investidores tinham aqui nesta região, tinham aqui neste ponto estratégico de localização do Brasil, que é o Rio Grande do Norte, que é esta região que eu vou chamar de grande Natal; Natal e todo o seu entorno, especificamente São Gonçalo do Amarante.

Vamos lembrar que, para vencer o leilão, a Inframérica teve de oferecer um valor 228% maior do que o mínimo previsto. Isso demonstra esse interesse que eu estou falando para vocês, e que faz com que vocês tenham de ter um imenso orgulho deste estado, que é um estado muito importante, não é só para a população do Rio Grande do Norte, não é só para a população do Nordeste. É importante para o desenvolvimento do Brasil. Aqui nós estamos criando uma nova etapa do desenvolvimento do nosso país.

Uma coisa é muito importante também. Nós sabemos que quem conhece o mar aqui no Nordeste, aqui no Rio Grande do Norte, aqui em todas as praias, não vai querer nadar nas águas frias – não vou dizer de onde porque senão a gente cria animosidades desnecessárias –, mas, sem dúvida nenhuma, um dos pontos mais bonitos deste país está aqui. E por isso esse aeroporto também vai beneficiar que brasileiros e que pessoas de todos os lugares do mundo venham e possam aqui usufruir de uma estadia excepcional.

Eu acredito que o Rio Grande do Norte tem também uma outra característica importante, até porque Natal vai ser uma das sedes da Copa e a Copa é uma oportunidade única. A pessoa vem ver o jogo, a gente sabe, porque nós todos gostamos de futebol, mas não custa nada dar uma visitada nas nossas praias, conhecê-las e delas também usufruir.

Aliás, a gente sabe que o brasileiro, hoje, é um povo trabalhador, sempre foi. Antes ele era um povo trabalhador e não podia viajar pelo país. Agora ele pode. O maior turismo nosso tem sido o turismo interno. Não que a gente não queira o turismo das pessoas de fora do Brasil, queremos. Mas a verdade é que houve um crescimento vertiginoso no Brasil. Vertiginoso do quê? Da nossa economia, do aumento dos empregos. Hoje nós estamos chegando a mais de 15,5 milhões de empregos gerados desde o início do governo Lula. No meu governo nós estamos em 2 milhões, um pouco acima de 2,3 milhões.

Eu acredito que foi graças a esse emprego, graças à renda aumentando, graças às pessoas saindo da pobreza e chegando à classe média que aumentou a quantidade de viagens aéreas pelo Brasil afora. Para vocês terem uma ideia, os números nos impressionam. O total de passageiros transportados em rotas domésticas e internacionais dobrou de 2003 a 2010. Em 2003 nós tínhamos 33 milhões. Hoje são... Hoje, não, em 2010 eram 77 [milhões]. Acreditamos que neste final de ano nós vamos dobrar o que... aliás, mais que dobrar, triplicar

o que era em 2003.

Além disso, o salário aumentou; além disso, as pessoas hoje podem querer viajar com suas famílias e isso significa qualidade de vida. E isso explica por que, quando você tira as pessoas da pobreza, você cria um círculo virtuoso, em que uma coisa leva à outra, e que você vai criando mais oportunidades porque você vai criando mais demanda.

Nós queremos um aeroporto produzindo serviço de qualidade, tanto na carga como para as pessoas, e eu posso dizer para vocês. Aqui está a Anac e a responsabilidade da Anac é garantir o interesse do consumidor brasileiro, de serviços aeroportuários. Daí porque nós vamos, sim, fiscalizar; nós vamos, sim, assegurar que o Brasil melhore cada dia mais, e tenho certeza que quem vai contribuir conosco para isso é a iniciativa privada, é a Inframérica e são aqueles que vão ganhar também as concessões em São Paulo, em Campinas, com o Viracopos, e em Brasília.

Eu queria dizer para vocês agora sobre este aeroporto. Eu acho que ele abre uma oportunidade. Nós temos, neste aeroporto, uma vantagem que você não tem em vários aeroportos do Brasil. Como nós criamos os aeroportos muito tempo atrás, o que aconteceu? A cidade cercou o aeroporto e, perto do aeroporto, não tem área para você colocar uma empresa, para você ter um outro serviço. Este aeroporto aqui tem o que se chama de uma retroárea estratégica para o país, estratégica para o Rio Grande do Norte, estratégica para São Gonçalo do Amarante. Por quê? Nós queremos trazer, para aqui, empresas. É isso que nós queremos também, e fazer com que este complexo seja o maior complexo do Brasil nesta área.

Hoje nós sabemos que São Gonçalo é um dos melhores aeroportos do Brasil, em termos de tamanho da pista e qualidade da pista. Nós sabemos que aqui pousam aviões que em outras cidades do Brasil não pousam.

Por isso, é importante que a gente tenha... que saiba usar a oportunidade que nós temos aqui. Até porque vocês veem no jornal, muitas vezes, veem na televisão, as notícias sobre o que está acontecendo no resto do mundo. Enquanto nós geramos emprego aqui e estamos lutando – e esse aeroporto é um dos instrumentos que nós estamos usando, entre vários outros, para garantir os empregos brasileiros –, o que está acontecendo em países que antes eram um objeto de desejo de muitos brasileiros? Está acontecendo o seguinte: por exemplo, na Espanha, um aumento desenfreado do desemprego; na Europa, um aumento desenfreado do desemprego; nos Estados Unidos, um aumento desenfreado do desemprego. E o que é mais grave: o aumento é maior entre os mais jovens. E nós estamos em outro momento. E nós vamos aproveitar o outro momento.

Este país, diante dessa crise, tem todas as condições de continuar crescendo, o seu povo continuar consumindo, as suas empresas produzindo, os seus aeroportos sendo implantados, porque chegou o momento em que o Brasil amadureceu. Nós amadurecemos economicamente, somos um país que sabemos crescer, manter a estabilidade, não sair por aí, feito loucos, se endividando lá fora, como se fazia antes.

Nós somos um país que tem US\$ 350 bilhões de reservas, que tem dinheiro suficiente para, sem mexer em um centavo do Orçamento, nós temos dinheiro para garantir o crédito para as empresas brasileiras, se o crédito secar lá fora. Porque temos, no Banco Central, depositados, dinheiro dos bancos, que são obrigados a depositar no Banco Central, compulsoriamente, para a gente ter um sistema financeiro estável, nós temos R\$ 440 bilhões, bilhões de reais, sem tocar em um centavo do Orçamento público brasileiro.

Nós temos a inflação progressivamente caminhando para o centro da meta, nós temos uma política fiscal séria. Enfim, nós estamos no momento em que o Brasil tem também um

processo de distribuição de renda responsável, talvez o maior responsável pela nossa blindagem em relação ao exterior. Porque não somos um país qualquer. Nós somos um país com 190 milhões de brasileiros que serão consumidores, que não vão mais estar alijados, que não vão mais ser considerados supérfluos. Nós achamos que a maior riqueza do país – e vocês podem ter certeza de que essa é a maior riqueza deste país – é o tamanho da sua população, a qualidade dos seus empreendedores, a qualidade dos seus trabalhadores.

Quando a gente tira 40 milhões da pobreza, sabe o que significa para cada um dos senhores? Que quem consome aumentou uma Argentina. Uma Argentina nós crescemos nos últimos nove anos. Quando perguntarem “Ah, o Brasil cresceu?”. Vocês podem responder com orgulho: o Brasil colocou para dentro do mercado consumidor uma Argentina.

Por isso é que nosso programa Brasil Sem Miséria quer tirar da pobreza 16 milhões de pessoas. É por questão ética? É. É por uma questão moral? É. Mas é, também, por uma questão econômica e social. Porque este país cresce quando a sua população consome. Este país cresce quando sua população trabalha. E aí, este aeroporto faz parte disso, essa é a oportunidade. Considerando que o Nordeste vive hoje uma nova fase. O Nordeste é um dos lugares de população mais antiga do Brasil. O Brasil começou aqui. O Brasil, quando ganha autoestima e se reencontra consigo mesmo, ele tem de olhar para o Rio Grande do Norte, ele tem de olhar para Natal, tem de olhar... tem de olhar para São Gonçalo do Amarante, tem de olhar para todos os municípios, por menores que sejam. Porque nós só seremos um país equilibrado se não houver essa exclusão regional. Essa história também é uma história cara para nós. Nós somos um país também que evoluiu democraticamente. Nós podemos disputar eleição, ser bastante ásperos uns com os outros, podemos debater, podemos ter opiniões diferentes e isso é da democracia. Mas governar, a gente tem obrigação de governar junto. Junto com quem o povo escolheu, porque aí não é a vontade do presidente, do governador ou do prefeito. É a vontade do povo brasileiro que importa, porque você governa é para ele. Você não governa para os partidos, você não governa para as instituições. Governa-se para o povo brasileiro.

Daí porque nós estamos aqui num momento especial. Vejam vocês que o Rio Grande do Norte sabe dar exemplo. Sabem como eu cheguei a esse processo? Eu vou contar para vocês, porque eu acho que vocês deviam se orgulhar, vocês deviam se orgulhar. Um dia chegou à minha sala a governadora eleita Wilma Faria. A Wilma vinha com um rapaz, que era secretário, chamado Vagner Araújo. A partir daí, virava e mexia, aparecia a Wilma na minha sala com a proposta, o projeto de São Gonçalo do Amarante. Depois, uns dias depois, vinha sempre quem? Toda a bancada do Rio Grande do Norte. Toda, sem exceção; todos os partidos – e aí a governadora lembrou, ela estava... ela era senadora –, estavam todos os partidos, sem exceção. Não eram, na época, só os partidos que faziam parte da base do governo Lula. Vinham todos, tanto senadores como deputados federais.

O que eu quero contar com isso? Eu quero contar que foi um esforço – vocês podem ter certeza –, foi um esforço conjunto de vocês que fez com que este aeroporto saísse do papel. Tamanha união, tamanha unidade, tamanha firmeza de propósitos explica por que isto aqui deu certo.

Então, eu vou fazer uma homenagem, aqui, a esta capacidade que nós temos de brigar na eleição e de nos juntarmos para fazer o governo que é melhor para o povo brasileiro. Esta é minha grande homenagem a esta iniciativa republicana aqui, e mostra que, na verdade, eu quero fazer uma homenagem ao Rio Grande do Norte, contando esta história dos nossos... das nossas lideranças aqui do Rio Grande do Norte. Faço homenagem a cada um de vocês – a cada uma e a cada um – e digo o seguinte: vamos lutar juntos para transformar esta área aqui numa outra porta para o desenvolvimento mais rápido deste estado fantástico, que é o

Rio Grande do Norte.

Um beijo para cada um e cada uma.

Ouçã a íntegra do discurso (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-assinatura-do-contrato-de-concessao-do-aeroporto-internacional-de-sao-goncalo-do-amarante-sao-goncalo-do-amarante-rn-29min22s>) (29min22s) da Presidenta Dilma

Salvar